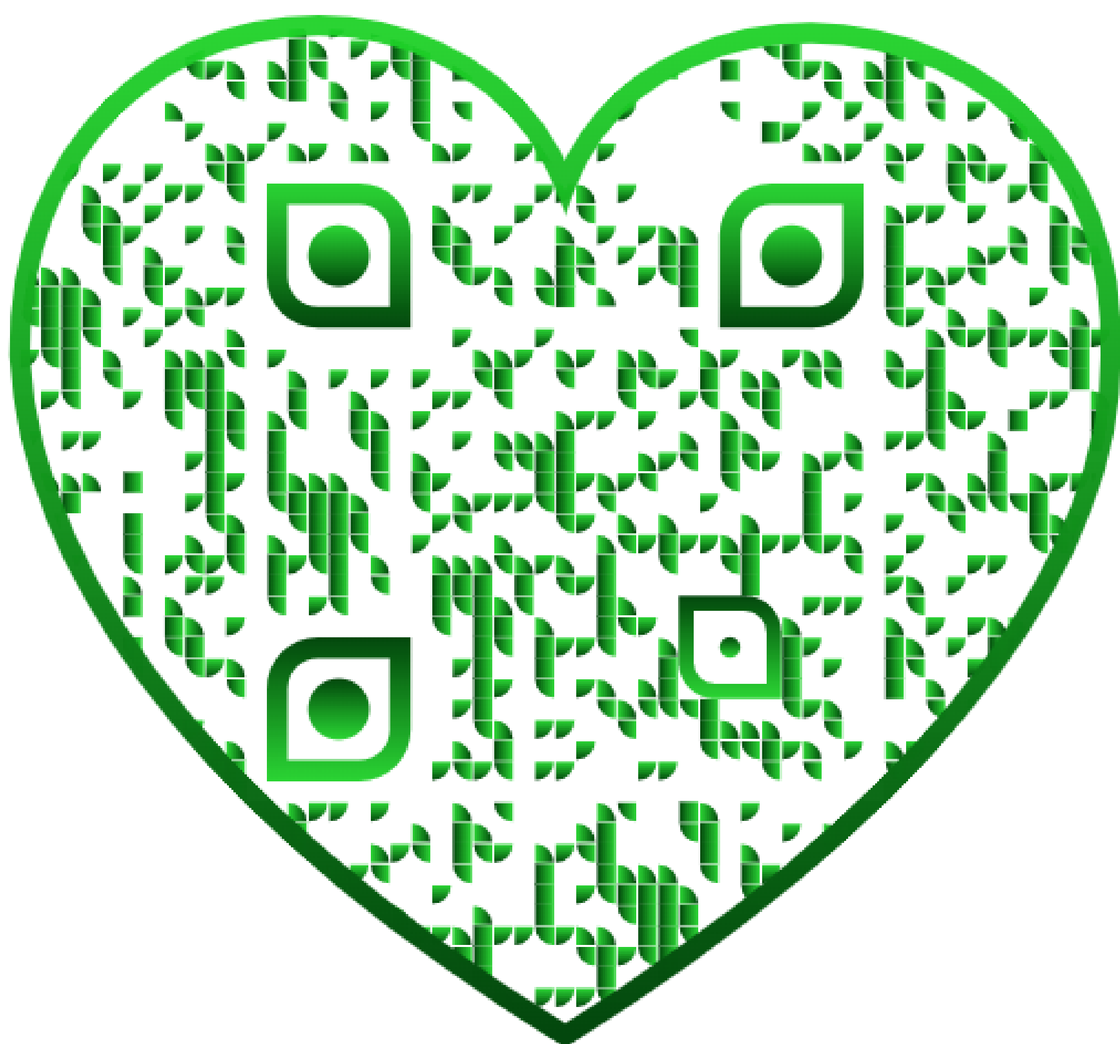
JOÃO CALVINO

A Verdadeira Vida Cristã





Novo Século



A Verdadeira Vida Cristã, de João Calvino, junto com a Imitação de Cristo, de Kempis, e a de Gerard Zerbolt, formam uma trilogia de clássicos devocionais única em seu gênero.

Não obstante, a obra de Calvino toma um enfoque distinto ao centralizar-se, de uma maneira especial, nos aspectos eminentemente práticos da vida cristã. A diferença em relação aos escritos de Kempis e Zerbolt, direcionados à idéia de escapar do mundo e fomentar a vida contemplativa, está em que o Reformador toma a via mais realista manifestada pelo próprio Jesus em João 17.15: "Não rogo que os tires do mundo, mas que os protejas do Maligno."

Podemos afirmar, portanto, que A Verdadeira Vida Cristã se diferencia de seus predecessores pelo fato de conter todo o gênio da Reforma, a essência do protestantismo, tanto que traz alento ao coração, inspira a mente e aviva nossa vontade.

Publicado em 1550, em latim e francês, com o título De Vita Hominis Christianiti, foi traduzido, posteriormente, para o inglês (1594), alemão (1857) e para o holandês (1858). As edições nestes idiomas têm se repetido sucessivamente, inspirando a milhares de crentes.

A Editora Novo Século se honra em oferecer agora a versão em português desta autêntica jóia do cristianismo reformado, com a convicção de que o seu conteúdo será de incalculável valor para seus leitores.



Novo Século

JOÃO CALVINO

A VERDADEIRA VIDACRISTÃ

Tradução de
DANIEL COSTA

São Paulo
2000

Novo Século

© Copyright by João Calvino
© Copyright 2000 by Editora Novo Século

Supervisão editorial:
Eduardo de Proença / Ricardo Quadros Gouvêa

Produção editorial:
Paulo Lísias Salomão

Revisão:
Maria Aparecida Salmeron

Composição:
Real Produções Gráficas Ltda.

Capa:
Eduardo de Proença

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou meio eletrônico e mecânico, inclusive através de processos xerográficos, sem permissão expressa da editora. (Lei nº 9.610 de 19.2.98.)

Todos os direitos reservados à



EDITORA NOVO SÉCULO LTDA.
Rua Barão de Itapetininga, 140 – Loja 4
01042-000 – São Paulo-SP
Tel.: (011) 3115-3469
Novo Século

MAZINHO RODRIGUES

A Importância de João Calvino na Teologia e no Pensamento Cristão
Um Estudo Propedêutico

Ricardo Quadros Gouvêa

Introdução

Seria necessário um texto muito mais longo para podermos tratar convenientemente do tema proposto e expor, ainda que de forma superficial, todo o conteúdo, influência e abrangência do pensamento de Calvino. Nosso objetivo neste prefácio é, portanto, bem mais humilde: queremos apenas fazer algumas observações capitais e dessa forma estimular os ouvintes a ler e estudar Calvino.

I. *Solus Inter Theologos est Calvinus* – O Maior dos Teólogos

Dizer que Calvino foi um grande teólogo soa como um eufemismo tímido e impróprio. É bastante provável que Calvino tenha sido o maior e o principal teólogo cristão de todos os tempos.[1] Tivesse toda a obra de Calvino se perdido, e nos restassem apenas as suas cartas, ainda assim ele teria de ser considerado um grande teólogo.[2] Não é exagero afirmar

---

[1] A expressão "solus inter theologos" aplicada a Calvino é de Joseph Scaliger. Cf. John Murray, "Introduction" em John Calvin, *Institutes of the Christian Religion*, trans. Henry Beveridge (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1979), sem número.

[2] As cartas de Calvino ocupam 13 volumes da *Ioannis Calvini Opera Omnia*, e 4 volumes da coleção *Selected Works of John Calvin: Tracts and Letters*, ed. Henry Beveridge and Jules Bonnet and trans. David Constable (Grand Rapids, MI: Baker, 1983).

que a história da teologia pode ser dividida em: "pré-calviniana" e "pós-calviniana". O calvinismo não é, portanto, um movimento teológico e filosófico passageiro. É impossível fazer teologia hoje de modo responsável sem interagir com o legado de Calvino que, além de ser perene, é vasto, e possui implicações que vão muito além do âmbito da teologia.

Calvino foi um exegeta notável, tornando-se o mais importante modelo da aplicação do método histórico-gramatical (i.e., histórico-sintático), criando assim um novo paradigma para toda a hermenêutica bíblica protestante subseqüente. Sua atitude de profundo respeito para com as Escrituras fez de Calvino um comentarista extremamente cuidadoso e confiável, e um crítico esmagador das práticas exegéticas medievais que chafurdavam-se em alegorizações extravagantes e anagogias ambíguas. Calvino insistia ainda na unidade e harmonia do ensino bíblico, evitando assim o erro tão comum em nossos dias de interpretar um referido texto alienado de seu contexto canônico-teológico. Para Calvino, o teólogo é antes de tudo um discípulo e um servo das Escrituras. A obediência, dizia ele, é a fonte não apenas de uma fé absolutamente perfeita e completa mas de todo conhecimento correto de Deus.[3]

A força do pensamento de Calvino não está na sua originalidade mas sim na sua capacidade de expressar de modo claro, correto e profundo o verdadeiro sentido das afirmações bíblicas.[4] O fato de que tal forma de teologizar tenha levado Calvino a colocar no papel um sistema de pensamento que prima pela exaustiva completitude é um testemunho não só do seu talento como sistematizador de idéias mas da natureza sistemática e completa do próprio ensino bíblico. Para Calvino e os seus seguidores, a Bíblia não é uma coleção de pensamentos contradizentes, um depósito variado de pensamentos e experiências religiosas; antes, ela é a revelação divina coerente e compreensível que aponta para a auto-revelação de Deus em Jesus Cristo.[5]

Dentre as muitas obras que João Calvino escreveu, destaca-se a sua obra-prima, um compêndio sistemático da doutrina cristã conhecido pelo nome de *As Institutas*. Em importância, influência e qualidade, esta obra

---

[3] *Institutas*, I, vi, 2.

[4] Cf. William Cunningham, *The Reformers and the Theology of the Reformation* (Edinburgh, 1866), 296.

[5] Isso levou Charles Spurgeon a dizer: "The longer I live the clearer does it appear that John Calvin's system is the nearest to perfection." Confira *Christian History* V-4, pág. 2.

não possui rival na história da teologia. Ela poderia ser comparada, talvez, à *Cidade de Deus* de Agostinho, ou à *Summa* de Tomás de Aquino, possivelmente à Dogmática Eclesiástica de Karl Barth. Entretanto, a todas estas obras a obra-prima de Calvino supera. As Institutas é um livro que nos fornece não apenas o melhor compêndio de teologia cristã jamais escrito mas também a base de uma cosmovisão cristã cujas abrangência e consistência são sem igual na história da fé cristã.

II. *Prompte et Sincere in Opere Domini* – O Legado de Calvino

Adorado e odiado por muitos, Calvino é uma figura não só controversa mas ainda muito desconhecida e mal-compreendida. Até mesmo nas melhores enciclopédias freqüentemente encontramos noções errôneas sobre a vida e a obra de Calvino, erros estes que se perpetuam e gradualmente transformam-se em mitos persistentes que não desaparecem nem mesmo ante à mais renitente produção acadêmica especializada que se esforça em desfazer os mal-entendidos. Insiste-se em apresentar Calvino como um radical intolerante e desumano que teria condenado hereges à fogueira e com prazer acendido a pira. Mas não se pode entender uma figura histórica a parte do contexto histórico ao qual ela pertence. A pretensa crueldade de Calvino empalidece diante dos horrores cometidos na época por outros grupos, inclusive a Igreja Católica Romana. Diz-se de Calvino que era um homem sem humor, sem noções estéticas, inimigo da alegria e do prazer. Isto está longe de ser verdade. A ética calvinista resulta do delicado equilíbrio entre liberdade evangélica e disciplina eclesiástica, que Calvino considerava ser a terceira marca da verdadeira igreja. Calvino advogava uma moralidade séria, mas não pode ser condenado pelos excessos de seus seguidores, pelo sabatarianismo e iconoclasticismo radicais de alguns puritanos britânicos, pela caça às bruxas da Nova Inglaterra, pelas selvagerias do capitalismo laissez-faire, ou pela política sul-africana do apartheid.

Na política, Calvino teria sido um déspota autoritário, o tirano de Genebra, que advogava a sujeição do estado à igreja. Voltaire motejou de Calvino chamando-o de "o papa dos protestantes," mas o sóbrio Montesquieu, reconhecendo seu gênio, sugeriu que "os genebrinos deveriam tor-

nar bendito o dia que Calvino nasceu". A verdade é que sua autoridade em Genebra era mais poimênica que política. Calvino era um homem de sentimentos profundos e de grande misericórdia. Suas cartas o provam; sua perseverança em Genebra o prova; e até mesmo o infame incidente com Serveto, ao contrário do que alguns pensam, é um argumento indelével, não da sua inclemência e tirania, mas antes da sua misericórdia.

Calvino foi um patrono dos direitos humanos; lutou contra os abusos do poder em seu tempo e chegou até mesmo a lidar com o problema político-filosófico da disobediência civil e do direito de revolta. Em seu pensamento ele antecipou os fundamentos da moderna forma de governo republicano, tornou-se um dos pais da democracia moderna, e contribuiu decisivamente para a compreensão cristã do relacionamento entre lei natural e lei positiva. Inteiramente em sintonia com os movimentos políticos e sociais de seu tempo, ele entendeu que o emergir dos estados nacionais europeus, o desenvolvimento do comércio e da classe burguesa, e a vasta expansão do mercado financeiro requeriam, por exemplo, uma revisão da proibição do empréstimo a juros, e percebeu que era necessária a formulação de uma nova ética do trabalho.

O impacto de Calvino no pensamento e na vida européia está bem documentado. O calvinismo tem sido, nos últimos cinco séculos, uma das principais forças moldadoras da cultura e da sociedade ocidental. Para início de conversa, a ciência moderna deve muito a Calvino. Ele encorajou o estudo científico da natureza enfatizando a ordem da natureza e a teleologia presente na mesma, disseminadas em toda a criação. Calvino explicitamente aprovou e incentivou a medicina e a astronomia, ao contrário de outros líderes religiosos de seu tempo. Na verdade, é provável que, não fosse o impulso do calvinismo na ciência inglesa, dificilmente teríamos chagado à física newtoniana tão cedo. A segunda grande contribuição de Calvino para o avanço da ciência foi o seu combate ao literalismo bíblico. Uma das inovações mais importantes da exegética de Calvino é justamente o conceito de acomodação, segundo o qual Deus ajustou sua palavra revelada às capacidades da mente e do coração humanos. Para ilustrar este ponto, Calvino utiliza a analogia do orador: um bom orador conhece as limitações de sua audiência e adapta a sua linguagem a ela. A revelação, ensina Calvino, implica necessariamente num ato de condescendência divina. Isso explica, por exemplo, os inúmeros casos de antropomorfismo no discurso bíblico sobre a pessoa de Deus. Também no caso dos relatos da criação em Gênesis, esta é a

postura de Calvino, isto é, que tais relatos representam uma acomodação às habilidades cognitivas dos primeiros ouvintes e leitores.

Quanto à sua teologia, Calvino tem sido muitas vezes acusado injustamente de ter formulado noções doutrinárias que eram na verdade parte do ensino tradicional da igreja cristã por séculos. Insiste-se que inventou a doutrina da dupla predestinação, e até já se sugeriu que ninguém mandou mais pessoas para o inferno que Calvino. O freudiano Oskar Pfister sugeriu ser a doutrina da dupla predestinação um resultados de sua personalidade obsessiva-compulsiva, e outros têm sugerido ser ela fruto de suas irregularidades intestinais. Diz-se que era um fatalista, um determinista que eliminou em seu sistema o conceito de liberdade. Mas sua magistral teologia da oração demonstra que este não é o caso. De fato, não se pode negar que um dos pilares do pensamento de Calvino é o pressuposto da iniciativa e soberania divinas. Todas as formulações teológicas de Calvino emergem deste a priori. Mas diferentemente do que se pensa, não é a doutrina da predestinação que prepondera e governa a soteriologia de Calvino mas sim o grande mistério da união mística com Cristo (uma "henose" cristã) da qual, aliás, o Novo Testamento fala com metáforas de profunda intimidade, e que tem sido apontado como um dos temas centrais em Calvino, talvez até a viga mestra de todo o seu edifício teológico.

Diz-se ainda que Calvino foi um grande pessimista, e que formulou uma antropologia negativista, que acabou por, sem querer, esvaziar o conceito de fé de qualquer sentido. Na verdade, o ensino de Calvino é de um otimismo gritante e messianista, e sua antropologia filosófica, ao contrário do que se pensa, dá grande dignidade à condição humana, sugerindo inclusive que o verdadeiro processo de auto-conhecimento leva o indivíduo paralelamente ao conhecimento de Deus.[6]

Já os católicos e catolicizantes insistem que Calvino teria destituído o culto cristão de toda sua beleza ritualista, eliminando inclusive os sacramentos, tornando ainda a Ceia do Senhor em um memorial secundário e vazio de significado.[7] Tais afirmações falseiam descaradamente

---

[6] Confira *Inst.* I, 1:1ss.

[7] "He was a minister of a congregation and a preacher of eminence, who so believed in the unity of word and sacrament that he would have had holy communion every Lord's Day had the Council permitted it." Gordon S. Wakefield, "John Calvin", *The Westminster Dictionary of Christian Spirituality*, ed. Gordon S Wakefield (Philadelphia, PA: Westminster Press, 1983), 64.

as convicções do reformador de Genebra.[8] Por outro lado, parcas são ainda as referências ao entusiasmo e as contribuições de Calvino para a educação, a sua revolucionária ética do trabalho, o seu apoio ao ecumenismo protestante, o seu humanismo cristão crítico e inteligente, a sua complexa filosofia germinal ainda tão pouco explorada.

Qual a razão para tantos mitos e incompreensões? E por que tantos aspectos ou facetas importantes da obra de Calvino ainda estão por ser abordadas? Em parte é mera ignorância, e em parte é fruto do intuito maquiavélico de silenciar a voz de um fantasma incômodo, de abrandar a força do pensamento de um revolucionário que um dia sacudiu um continente inteiro e que, se lhe for permitido, pode sacudir o mundo novamente.

III. *Dei Notitiam et Nostri Res Esse Coniunctas* – A Cosmovisão Calvinista

Qual é, então, a principal diferença entre o calvinismo e os outros movimentos cristãos protestantes e não-protestantes? É a maneira peculiar em que, no calvinismo, a fé cristã se relaciona com a cultura humana, a vida e o mundo que nos cerca. O calvinismo não é somente um sistema teológico completo em que as doutrinas estão tão profundamente interconectadas que ou se rejeitam todas ou se aceitam todas, mas também é uma completa biocosmovisão que determina para o calvinista o ponto de partida para toda sua reflexão e sua vida prática, que determina enfim as diretrizes pressuposicionais de qualquer área da vida e do pensamento humanos.[9] Calvino não visava em sua obra meramente uma reforma doutrinária e uma reforma da vida da igreja mas também a transformação de toda a cultura humana em nome de Jesus e para a glória de Deus. No calvinismo não há, portanto, dicotomismo entre cristianismo e cultura. Devido à compreensão calvinista da criação do cosmos, da universalidade da revelação de Deus na criação, e da organização cosmonômica da criação, o pensador calvinista não pode pensar em termos de uma distinção não-qualificada entre as esferas humana e divina de atuação. A soberania e iniciativa divinas englobam inclusive o curso da história e da cultura humanas que também se tornam veículos da revelação de Deus.

Entre os fundamentos da cosmovisão calvinista destacam-se o pensamento pressuposicional e antitético ante o pensamento apóstata, a heteronomia revelacional associada a pressupostos escriturísticos, a antropologia ptomática que inclui a afirmação da infinita diferença qualitativa entre o Criador e suas criaturas, dos efeitos noéticos do pecado e do *sensus divinitatis*, a escatologia palingenética que determina os rumos do pensamento sócio-político reformado, isso para citar apenas alguns dos principais fundamentos filosóficos que estão presentes em estado germinal ou latente na obra de Calvino.[10]

IV. *Theologia Reformata ac Semper Reformanda*: A *Calviniana* Hoje

Hoje estamos vivendo um tempo áureo dos estudos calvinianos. Há centros especializados no estudo do reformador espalhados por todo o mundo. Na década de 30 surgiu na Holanda a *Sociedade por uma Filosofia Calvinista (Vereeniging voor Calvinistische Wijsbegeerte)*, uma iniciativa do filósofo holandês Herman Dooyeweerd, que iniciou a publicação do periódico *Philosophia Reformata*.[11] Esta sociedade possui hoje quase mil membros em todo o mundo e continua fazendo um trabalho sólido. Um dos mais renomados filósofos americanos da atualidade, *Alvin Plantinga* (Univ. de Notre Dame), é membro e já foi o presidente desta sociedade. *O Congresso Internacional Permanente de Pesquisas Calvinianas* não só organiza de tempo em tempo importantes simpósios como também patrocina congressos, colóquios e conferências regionais e publicações importantes como, por exemplo, a *Ioannis Calvini Opera Omnia*, e uma bibliografia internacional de estudos calvinianos. Grandes nomes têm aparecido e se destacado no meio acadêmico

[8] Tais críticas poderiam talvez ser feitas a Zwingli, Bullinger e outros reformadores suiços, ainda que a maioria delas acabariam por ser provadas resultado de pesquisas mal feitas. Feitas a Calvino, elas soam até absurdas para quem conhece a prática eclesiástica e as obras de Calvino.

[9] Para mais detalhes, confira meu artigo, "Calvinistas Também Pensam: Uma Introdução à Filosofia Reformada", em *Fides Reformata* I:1 (janeiro-junho de 1996), 48-59.

[10] Aguarde meu livro, ainda em fase de planejamento, *A Filosofia de Calvino*.

[11] Outros membros fundadores de renome foram H. G. Stoker (África do Sul), D. H. Th. Vollenhoven (Holanda), J. Bohatec (Áustria), e Cornelius Van Til (E.U.A.).

internacional como competentes especialistas em Calvino. Entre eles, James B. Torrance (Escócia), Alister E. McGrath (Inglaterra), Wilhelm H. Neuser (Alemanha), Richard Gamble (E.U.A.), W. Stanford Reid (Canadá), Heiko A. Oberman (Alemanha e E.U.A.), Cornelis Augustijn (Holanda), Erik A. de Boer (África do Sul), Olivier Fatio (Suiça), Nobuo Watanabe (Japão), Alexandre Ganoczy (França), entre outros.

É de valia, creio eu, citar alguns dos temas que têm sido debatidos pelas principais autoridades em estudos calvinianos nos últimos vinte anos. Dividirei aqui os mesmos em três grupos: (a) questões biográficas e históricas, (b) questões teológicas, e (c) questões filosóficas.

(a) questões biográficas e históricas – a atual nova busca do Calvino histórico; a natureza da conversão de Calvino: súbita ou gradativa?; o relacionamento de Calvino com diversos contemporâneos seus, como Farel, Beza, Budé, D'Etaples, Lutero, Bucer, Viret, Castellio, etc.; a natureza do *Consensus Tigurinus* ou consenso de Zurich; etc.

(b) questões teológicas – era Calvino um teólogo pactuísta (i.e., federalista)? Qual é a relação entre o pensamento de Calvino e o da chamada escolástica protestante do século XVII?; a concepção calviniana do matrimônio; a teologia da oração de Calvino; as nuances teológicas dos tratados menores, dos catecismos e das cartas de Calvino; a relação entre o pensamento de Calvino e Agostinho; a origem histórica da teologia de Calvino, isto é, que movimentos mais influenciaram Calvino (a teologia de Scotus e Ockham, a *devotio moderna* medieval, o pensamento de alguns pré-reformadores; o pensamento de Lutero; o humanismo de Budé, Campanella, Erasmo, e outros, o platonismo renascentista de Marcilio Ficino, a teologia neo-agostiniana de Bernardo de Clairvaux, Bonaventura ou Gregório de Rimini, etc.); as influências sobre Calvino nas áreas da exegese bíblica e da prédica; e assim por diante.

(c) questões filosóficas – a natureza dos princípios essenciais do pensamento calviniano: são eles teológicos ou filosóficos, e quais eram eles?; era Calvino um humanista?; a influência de Calvino no surgimento das democracias modernas e da economia capitalista; a filosofia da linguagem de Calvino, a filosofia da história de Calvino, a epistemologia de Calvino, estes são alguns dos temas que, entre outros, têm sido abordados com freqüência pelos chamados *Calvin scholars*, os "experts" em Calvino.

V. Conclusão

Resta-nos dizer apenas que há motivos de sobra para estudar Calvino, e salientar a necessidade premente de fazê-lo, pois o estudo aprofundado do pensamento de Calvino pode ser de grande valia em qualquer área do conhecimento humano, e as repercussões destas interdisciplinaridades ainda pouquíssimo exploradas podem causar uma genuína revolução nas ciências divinas e humanas que a Editora Novo Século tem patronado com interesse e seriedade.

Bibliografia Seleta

Fontes Primárias

Calvin, John. *Institutes of the Christian Religion.* Translation by Ford Lewis Battles, edited by John T. McNeill. Philadelphia, PA: Westminster Press, 1960.

__________ *Institutes of the Christian Religion.* Translation by Henry Beveridge. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1979.

__________ *As Institutas ou Tratado da Religião Cristã.* Tradução de Waldyr Carvalho Luz. Casa Editora Presbiteriana, São Paulo, SP, 1985ss.

__________ *Institución de la religión cristiana.* Tradução de Cipriano de Valera. Fundación Editorial de Literatura Reformada, Rijswijk, Holanda, 1968 (1ª edição – 1859).

__________ *Selected Works of John Calvin: Tracts and Letters.* Edited and translated by Henry Beveridge. Grand Rapids, MI: Baker, 1983.

Hillerbrand, Hans J., ed. *The Protestant Reformation. (Documentary History of Western Civilization).* New York, NY: Harper & Row, 1968: pp. 153-239.

Fontes Secundárias

Bainton, Roland H. *The Reformation of the Sixteenth Century.* Boston, MA: Beacon Press, 1952.

Bieler, André. *El Humanismo Social de Calvino.* Buenos Aires, Argentina: Editorial Escaton, 1973.

Cunningham, William. *The Reformers and the Theology of the Reformation.* Edinburgh, UK, 1866.

Ferreira, Wilson de Castro. *Calvino: Vida, Influência e Teologia.* Campinas, SP: Luz Para o Caminho, 1986.

Gouvêa, Ricardo Quadros. "Calvinistas Também Pensam: Uma Introdução à Filosofia Reformada" em *Fides Reformata* I:1 (janeiro-junho de 1996): 48-59.

Kuyper, Abraham. *Lectures on Calvinism*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1983.

Leith, John H. *Introduction to the Reformed Tradition*. Atlanta, GA: John Knox, 1977.

McGrath, Alister E.; *Reformation Thought*. London, UK: Blackwell, 1993.

McNeill, John T. *The History and Character of Calvinism*. New York, NY: Oxford, 1954

Meeter, H. Henry. *The Basic Ideas of Calvinism*. Grand Rapids, MI: Baker, 1990.

Mehl, Roger. *Catholic Ethics and Protestant Ethics*. Philadelphia, PA: Westminster, 1971.

Merle D'Aubigné, J. H. *História da Reforma do Décimo-Sexto Século*. Trad. João Carvalho. São Paulo, SP: CEP, sem data.

Neuser, Wilhelm H. *Calvinus Sacrae Scripturae Professor: Calvin as Confessor of Holy Scripture*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1994.

Osterhaven, M. Eugene. *The Spirit of the Reformed Tradition*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1971.

Parker, T. H. L. *John Calvin*. London, UK: Lion Publishing, 1975.

__________ *Portrait of Calvin*. London, UK: SCM Press, 1940.

Partee, Charles. "Calvin's Central Dogma, Again." *The Sixteenth Century Journal* 18 (1987): 191-99.

Reid, W. Stanford, ed. *John Calvin: His Influence in the Western World*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1982.

Spitz, Lewis W. *The Renaissance and Reformation Movements*. Chicago, IL: Rand McNally, 1971.

Van Halsema, Thea B. *João Calvino Era Assim*. Trad. Jaime Wright. São Paulo, SP: Ed. Vida Evangélica, 1968.

Wakefield, Gordon S. "John Calvin" e "Calvinist Spirituality" em *The Westminster Dictionary of Christian Spirituality*, edited by Gordon S Wakefield. Philadelphia, PA: Westminster Press, 1983.

ÍNDICE

CAPÍTULO I: ***A obediência humilde, verdadeira imitação de Cristo***

I.	A Escritura é a regra da vida	21
II.	A santidade é o princípio-chave	22
III.	A santidade significa obediência total a Cristo	23
IV.	Um cristianismo externo não é suficiente	24
V.	O progresso espiritual é necessário	25

CAPÍTULO II: ***Autonegação***

I.	Não nos pertencemos, somos do Senhor	29
II.	Buscar a glória de Deus implica numa autonegação	30
III.	Autonegação significa sobriedade, justiça e devoção	32
IV.	A verdadeira humildade significa respeito pelos demais	33
V.	Devemos buscar o bem dos demais crentes	35
VI.	Devemos buscar o bem de todos, amigos e inimigos	37
VII.	Uma boa conduta cívica não é suficiente	38
VIII.	Não há felicidade sem a bênção de Deus	40
IX.	Não devemos estar ansiosos por obter riquezas e honras	41
X.	O Senhor é justo em todos os Seus atos	42

CAPÍTULO III. ***Pacientes e levando a cruz***

I.	Levar a cruz é mais difícil do que negar-se a si mesmo	45
II.	A cruz nos torna humildes	46
III.	A cruz nos torna esperançosos	47
IV.	A cruz nos ensina a obediência	48
V.	A cruz contribui para a disciplina	49

VI. A cruz traz arrependimento 50
VII. A perseguição traz consigo o favor de Deus 52
VIII. A perseguição deveria produzir regozijo espiritual 53
IX. Nossa cruz não deveria nos tornar indiferentes 54
X. A cruz é necessária para a nossa submissão 55
XI. A cruz é necessária para a nossa salvação 57

CAPÍTULO IV. ***A desesperança no mundo vindouro***

I. Não há coroa sem cruz 59
II. Inclinamo-nos a superestimar a vida presente 61
III. Não deveríamos desprezar as bênçãos desta vida presente ... 62
IV. O que é a terra se a compararmos com o céu? 63
V. Não deveríamos temer a morte, antes, erguer nossas cabeças 65
VI. O Senhor virá em sua glória: Maranata 67

CAPÍTULO V. ***O uso correto da vida presente***

I. Evitemos os extremismos 69
II. As coisas terrenas são presentes de Deus 71
III. A verdadeira gratidão nos limitará em cometermos abusos 72
IV. Vivamos com moderação 73
V. Sejamos pacientes e nos contentemos sob as privações 74
VI. Sejam fiéis a Vosso chamamento divino 75

A ORAÇÃO DE CALVINO

Deus e pai todo-poderoso, nesta vida temos tido muitas lutas; dá-nos a força do teu Espírito, para que possamos prosseguir em meio ao fogo e às muitas águas com valor, e assim nos submetermos às tuas normas, para irmos ao encontro da morte sem temor, com total confiança na tua assistência.

Conceda-nos também que possamos suportar todo o ódio e inimizade da humanidade, até termos ganho a última vitória e podermos chegar ao bendito descanso que teu único filho tem adquirido para nós, por meio de seu sangue. Amém.

CAPÍTULO I

A OBEDIÊNCIA HUMILDE, VERDADEIRA IMITAÇÃO DE CRISTO

I. A Escritura é a regra da vida

1. A meta da nova vida em Cristo é que os filhos de Deus exibam a "melodia e harmonia de Deus em sua conduta. Que melodia? A canção do Deus de justiça. Que harmonia? A harmonia entre a justiça de Deus e nossa obediência.

Andando unicamente na maravilhosa lei de Deus, podemos estar seguros de nossa adoção como filhos do Pai.

A lei de Deus contém em si mesma a dinâmica da nova vida por meio da qual Deus restaura sua imagem em nós; porém, por natureza somos preguiçosos e negligentes, portanto, necessitamos da ajuda e do estímulo de um princípio que nos guie em nossos esforços. Um arrependimento sincero de coração não garante que não venhamos a nos desviar do caminho reto. E como agravante, muitas vezes nos encontramos perplexos e desconcertados.

Busquemos pois, na Escritura o princípio fundamental para reformar e orientar nossa vida.

2. A escritura contém um grande número de exortações, e para tratar de todas elas necessitaríamos de um grande volume.

Os Pais da Igreja escreveram grandes obras sobre as virtudes necessárias à vida cristã. São escritos de um significado tão valioso que nem os eruditos mais hábeis poderiam esgotar as profundidades de uma só virtude.

Todavia, para uma devoção pura, não é necessário ler as excelentes obras dos Pais da Igreja, mas somente entender a regra básica da Bíblia.[1]

3. Ninguém deveria tirar a conclusão de que a brevidade de um tratado sobre a conduta cristã faz com que os escritos elaborados por outras pessoas sejam supérfluos, ou que sua filosofia não tenha valor.

Todavia, os filósofos estão acostumados a falar dos princípios gerais e regras específicas, porém as escrituras têm uma ordem própria.

Os filósofos são ambiciosos e, por conseguinte, demonstram uma estranha lucidez e uma hábil ingenuidade; porém a Escritura tem uma esplêndida precisão e uma certeza que supera todos os filósofos.

Os filósofos, amiúde, fazem demonstrações comovedoras, porém o Espírito Santo tem um método diferente (direto, simples e compreensível), o qual não deve ser subestimado.[2]

II. A santidade é o princípio-chave

I. O plano das escrituras para a vida de um cristão é duplo: primeiro, que sejamos instruídos na lei para amar a retidão, porque por natureza, não estamos inclinados a fazê-lo; segundo, que aprendamos umas regras simples porém importantes, de modo a não desfalecermos nem nos debilitarmos em nosso caminho.

Das muitas recomendações excelentes que a Escritura faz, não ha nenhuma melhor que este princípio: "Sede santos porque eu sou santo."

Quando andávamos espalhados como ovelhas sem pastor, e perdidos no labirinto do mundo, Cristo nos chamou e nos reuniu para que pudéssemos nos voltar a Ele.

2. Ao ouvir qualquer menção de nossa união mística com Cristo, deveríamos recordar que o único meio para desfrutá-la é a santidade.

1. Aqui Calvino insere: "Não sou a pessoa certa para escrever copiosamente, já que amo a brevidade. É provável que o intente no futuro; de todas as formas, deixarei esta tarefa aos outros."

2. Evidentemente Calvino está pensando aqui em 1 Cor. 1.3.

A santidade não é um mérito por meio do qual podemos obter a comunhão com Deus sem um dom de Cristo, o qual nos capacita para estarmos unidos a Ele e a segui-lo.

É a própria glória de Deus que não pode ter nada a ver com a iniqüidade e a impureza; portanto, se queremos prestar atenção à sua exortação, é imprescindível que tenhamos este princípio sempre presente.

Se no transcurso de nossa vida cristã queremos seguir vinculados aos princípios mundanos, para que então fomos resgatados da iniqüidade e da contaminação deste mundo?

Se desejamos pertencer a seu povo, a santidade do Senhor nos admoesta a que vivamos na Jerusalém santa de Deus.

Jerusalém é uma terra santa, portanto, não pode ser profanada por habitantes de conduta impura.

O salmista disse: Jeová, quem habitará em teu tabernáculo? Quem morará em teu monte santo? O que anda em integridade, faz justiça e fala a verdade em seu coração."

O santuário do altíssimo deve manter-se imaculado. Ver Lev. 19.2; 1 Ped. 1.16; Is. 35.10; Sal. 15.1, 2 e 24.3, 4.

III. A santidade significa obediência total a Cristo

1. A escritura não nos ensina somente o princípio da santidade, como também nos diz que Cristo é o caminho a este princípio.

Posto que o Pai nos tem reconciliado consigo mesmo por meio de Cristo, nos ordena que sejamos conformes à sua imagem.

Àqueles que pensam que os filósofos têm um sistema melhor de conduta, lhes pediria que nos mostrem um plano mais excelente que obedecer e seguir a Cristo.

A virtude mais sublime de acordo com os filósofos é viver a vida de acordo com a natureza, porém a Escritura nos demonstra Cristo como nosso modelo e exemplo perfeito.

Deveríamos exibir o caráter de Cristo em nossas vidas, pois o que pode ser mais efetivo para nosso testemunho e de mais valor para nós mesmos?

2. O senhor nos tem adotado para que sejamos Seus filhos sob a condição de que revelemos uma imitação de Cristo, que é o Mediador de nossa adoção.

A menos que nos consagremos de maneira devota e ardente à justiça de Cristo, não só nos afastaremos de nosso Criador, como também estaremos renunciando voluntariamente ao nosso salvador.

3. A Escritura acompanha sua exortação com as promessas sobre as incontáveis bênçãos de Deus e o fato eterno e consumado da nossa salvação.

Portanto, posto que Deus tem revelado a si mesmo como Pai, se não nos comportarmos como seus filhos seremos culpados da ingratidão mais desprezível.

Posto que Cristo nos tem unido ao seu corpo como membros, deveríamos desejar fervorosamente não desagradá-lo em nada. Cristo, nosso cabeça, tem ascendido aos céus; por tanto deveríamos deixar para trás os desejos da carne e elevar nossos corações a Ele.

Posto que o Espírito Santo nos tem consagrado como templos de Deus, proponhamos a nós mesmos, em nossos corações, não profanar Seu santuário, antes manifestar Sua glória.

Tanto nossa alma como nosso corpo estão destinados a herdar uma coroa incorruptível. Devemos, então, manter ambos puros e sem mancha até o dia do nosso Senhor.

Estes são os melhores fundamentos para um código correto de conduta. Os filósofos nunca se elevam por sobre a dignidade natural do homem, porém, a Escritura aponta-nos nosso salvador sem mancha, Cristo Jesus. Ver Rom. 6.4; 8.29.

IV. Um cristianismo externo não é suficiente

1. Perguntemos àqueles que não possuem nada mais que a membresía de uma igreja, e que apesar disto desejam ser chamados de cristãos, como podem glorificar o sagrado nome de Cristo?

Somente aquele que tem recebido o verdadeiro conhecimento de Deus, por meio da Palavra do Evangelho, pode chegar a ter comunhão com Cristo.

O apóstolo disse que ninguém que não tenha posto de lado a velha natureza, com sua corrupção e suas concupiscências, pode dizer que tenha recebido o verdadeiro conhecimento de Cristo.

O conhecimento externo de Cristo é só uma crença perigosa, não importando o quão eloqüentes possam ser as pessoas que o têm.

2. O evangelho não é uma doutrina da fala, mas de vida. Não se pode assimilá-lo por meio da razão e da memória, única e exclusivamente, pois só se chega a compreendê-lo totalmente quando Ele possui toda a alma e penetra no mais profundo do coração.

Os cristãos nominais devem parar de insultar a Deus jactando-se de serem aquilo que não são.

Devemos nos ater em primeiro lugar no conhecimento de nossa fé, pois esta é o princípio de nossa salvação.

A menos que nossa fé ou religião promovam uma mudança em nosso coração e em nossas atitudes nos transformando em novas criaturas, não nos será de muito proveito.

3. Os filósofos condenam e excluem de sua companhia todos aqueles que professam conhecer a arte de viver a vida, considerando-os apenas como crianças gaguejantes.

Com muito mais razão os cristãos deveriam detestar aqueles que têm o Evangelho em seus lábios, porém não em seus corações.

Comparadas com as convicções, os afetos e a energia sem limites dos verdadeiros crentes, as exortações dos filósofos são frias e sem vida. Ver Efes. 4.20 e ss.

V. O progresso espiritual é necessário

1. Não devemos insistir em uma perfeição absoluta em nossos companheiros cristãos por mais que lutemos por consegui-la nós mesmos.

Seria injusto requerermos uma perfeição evangélica antes de constatarmos se uma pessoa é verdadeiramente cristã.

Se instituíssemos uma norma de perfeição total para os cristãos, não existiria nenhuma igreja, posto que todos nós estamos muito longe de sermos verdadeiramente cristãos ideais. Afinal, teríamos que recusar a muitos que só podem fazer um progresso lento.

2. A perfeição deve ser a meta final a qual nos dirigir e o propósito supremo em nossas vidas.

Não é justo que atemos um compromisso com Deus, em que tratemos de cumprir parte de nossas obrigações omitindo outras, segundo nosso gosto e capricho.

Antes de tudo, o Senhor deseja sinceridade em Seu serviço e simplicidade de coração, sem engano nem falsidade.

Uma mente dividida está em conflito com a vida espiritual, posto que esta implica uma devoção sincera a Deus em busca de santidade e retidão.

Ninguém, nesta prisão terrena do corpo, tem suficiente força própria para seguir adiante com uma constante vigilância e cuidado. Ademais, a grande maioria dos cristãos padece de uma debilidade tal que se desviam ou se detêm em seu progresso espiritual, tendo em conseqüência avanços muito lentos e escassos.

3. Deixemos que cada um proceda de acordo com a habilidade que lhe foi dada e continue assim, a peregrinação que tem empenhado.

Não há homem tão infeliz e inapto e que, pouco a pouco, não tenha conseguido um pequeno progresso.

Não cessemos de fazer todo o possível para irmos incessantemente mais adiante no caminho do Senhor; e não nos desesperemos por causa de nossas escassas conquistas.

Ainda que não cheguemos no nível espiritual que esperamos ou desejamos, nossa labuta não está perdida se é que o dia de hoje ultrapassa em qualidade espiritual o dia de ontem.

4. A única condição para o verdadeiro progresso espiritual é a de que permaneçamos sinceros e humildes.

Mantenhamos em mente nossa meta final e avancemos sobre ela com toda a nossa vontade.

Não caiamos no orgulho nem nos entreguemos às paixões pecaminosas.

Exercitemos com diligência para alcançarmos uma norma mais alta de santidade, até que tenhamos chegado ao melhor de nossa qualidade espiritual, na qual devemos persistir ao longo de nossa vida. Somente chegaremos à perfeição absoluta quando, libertos deste corpo corruptível, formos admitidos por Deus em Sua presença.

CAPÍTULO II

AUTONEGAÇÃO

I. Não nos pertencemos, somos do Senhor

1. A lei divina contém um plano adequado e ordenado para a regulação de nossa vida; porém nosso Pai celestial quer dirigir os homens por meio de um princípio-chave excelente.

É dever de todo crente apresentar seu corpo como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, como indica a Escritura. Nisto consiste a verdadeira adoração.

O princípio da santidade nos leva à seguinte exortação: "Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus."

É muito importante estarmos consagrados e dedicados ao Senhor, pois isso significa que pensamos, falamos, meditamos ou fazemos qualquer coisa tendo como motivo principal a glória de Deus.

Recordemos que àquilo que é sagrado não se pode aplicar usos impuros sem cometer séria injustiça e agravo a Deus.

2. Se não nos pertencemos a nós mesmos, mas pertencemos ao Senhor, devemos fugir daquelas coisas que lhe desagradam e processar nossas obras e nossos feitos como tudo aquilo que Ele aprova.

Baseando-nos no fato de que não nos pertencemos, teríamos que aceitar que nem nossa razão nem nossa vontade deveriam guiar-nos em nossos pensamentos e ações.

Se não nos pertencemos, não temos que buscar a satisfação dos apetites de nossa carne.

Se não nos pertencemos, então, esqueçamos de nós mesmos e de nossos interesses o quanto nos seja possível.

Pertencemos a Deus; portanto, deixemos de lado nossa conveniência e vivamos para Ele, permitindo que Sua sabedoria guie e domine todas as nossas ações.

Se pertencemos ao Senhor, deixemos que cada parte de nossa existência seja dirigida por Ele. Esta deve ser nossa meta suprema.

3. Quanto tem avançado aquele homem que tem aprendido a não pertencer-se a si mesmo, nem a ser governado por sua própria razão, mas que rende e submete sua mente a Deus!

O veneno mais efetivo que leva os homens à ruína é o fato de jactarem-se em si mesmos, no poder e na sabedoria humana. A única saída para safarem-se deste auto-engano é simplesmente seguir as instruções do Senhor.

Nosso primeiro passo deveria ser o de aplicar toda nossa força a serviço do Senhor.

4. O serviço do Senhor não só implica uma autêntica obediência, como também a vontade de pôr a parte os desejos pecaminosos e render-se completamente ao governo do Espírito Santo.

A transformação de nossas vidas por meio do Espírito Santo é o que Paulo chama de renovação da mente. Este é o verdadeiro princípio da vida que os filósofos deste mundo desconhecem.

Os filósofos pagãos põem a razão como o única guia da vida, da sabedoria e da conduta, porém a filosofia cristã nos requer que rendamos nossa razão ao Espírito Santo, o que significa que já não vivemos para nós mesmos, mas que Cristo vive e reina em nosso ser. Ver Rom. 4.23; Gál. 2.20.

II. Buscar a glória de Deus implica numa autonegação

1. Não busquemos nossos próprios interesses, mas antes aquilo que compraz ao Senhor e contribui para promover sua glória.

Há uma grande vantagem em praticamente esquecermos de nós mesmos e em deixarmos de lado todo o aspecto egoísta; pois assim podemos enfocar nossa devota atenção a Deus e a Seus mandamentos.

Quando a Escritura nos diz para que descartemos todas as considerações pessoais e egoístas, não só exclui de nossas mentes o desejo de riquezas, de poder e favor dos homens, como também faz desvanecer de nossa imaginação as falsas ambições, os apetites por glória humana e outras maldades secretas.

Todo crente deve ter o desejo fervoroso de contar com Deus em cada momento de sua vida.

2. Um cristão medirá todas as suas ações por meio da lei de Deus, seus pensamentos secretos estarão sujeitos à sua divina vontade.

Se um homem tem aprendido a depender de Deus em cada empreendimento de sua vida, estará liberto de todos os seus desejos vãos.

A negação de nós mesmos, que tem sido tão diligentemente ordenada por Cristo aos seus apóstolos desde o princípio, terminará dominando os desejos de nossos corações.

Esta negação de nós mesmos não deixará lugar para o orgulho, a arrogância, a vanglória, a avareza, a licenciosidade, o amor à luxúria, ao luxo, ou qualquer outra coisa nascida do amor ao "Eu".

Sem o princípio da autonegação o homem é levado à indulgência pelos vícios mais grotescos sem um mínimo de vergonha, e se é que há alguma aparência de virtude nele, a mesma se desvanece por uma paixão desordenada que busca sua própria glória.

Mostra-me um só homem que sem crer na santa lei de Deus e na autonegação, mesmo assim pratica a virtude entre os homens.

3. Todos aqueles que não têm sido influenciados pelo princípio da autonegação, têm procurado de algum modo seguir a virtude, porém, o têm feito com o desejo de conseguir o louvor por parte dos demais homens.

Ainda que os filósofos sustentem que a virtude é algo desejável por si mesma, se enaltecem em sua arrogância, demonstrando que não desejam a virtude e sim terem uma oportunidade de exercitar seu orgulho.

Deus não se compraz em absoluto com aqueles que são ambiciosos e altivos, cujos corações estão cheios de orgulho e presunção. Desses

homens, o senhor disse já terem sua recompensa neste mundo, e que as prostitutas e os fariseus (arrependidos) estão mais próximos que eles do reino dos céus.

4. Incontáveis são os obstáculos do homem que deseja fazer o que é correto e, ao mesmo tempo, resiste em negar o seu "Eu".

Desde a antigüidade se sabe que há todo um mundo de vícios escondidos na alma humana, porém a autonegação cristã é o remédio para acabar com todos.

Só há libertação para o homem que renuncia a seu egoísmo, e cuja única meta é agradar ao Senhor e fazer o que é bom diante de Seus olhos.

III. Autonegação significa sobriedade, justiça e devoção

1. O apóstolo Paulo, nos dá um breve sumário de uma vida bem regrada quando diz a Tito: "Porque a graça de Deus se manifestou para todos os homens. Ela nos ensina a renunciar à impiedade e às paixões mundanas e a viver de maneira sensata, justa e piedosa nesta era presente, enquanto aguardamos a bendita esperança: a gloriosa manifestação de nosso grande Deus e salvador, Jesus Cristo, que se entregou por nós a fim de nos remir de toda maldade e purificar para si mesmo um povo particularmente seu, dedicado à prática de boas obras" (Tit. 2.11-14).

Paulo declara que necessitamos da graça de Deus como estímulo para nossas vidas, porém, para chegarmos a uma verdadeira adoração, devemos nos despojar dos seguintes obstáculos: primeiro, a falta de devoção à qual estamos fortemente inclinados, como também da concupiscência da carne que nos angustia e nos aflige.

A falta de piedade e devoção não só da lugar às superstições como a tudo aquilo que impede o santo temor a Deus. As concupiscências mundanas representam ou simbolizam as afecções carnais.

Paulo nos exorta a deixarmos de lado nossos desejos anteriores, os quais estão em conflito permanente com as duas tábuas da lei, e que renunciemos a todos os ditados de nossa própria razão e vontade.

2. O apóstolo resume todas as ações da nova vida em três grupos: sobriedade, justiça e piedade.

Indubitavelmente a sobriedade significa castidade e temperança, como também o uso puro e frugal das bênçãos temporais, incluindo a paciência na pobreza.

A retidão inclui todos os deveres da justiça, de modo que cada homem receba o que lhe é devido.

A piedade nos separa da contaminação do mundo e, por meio da verdadeira santidade, nos une a Deus.

Quando as virtudes da sobriedade, justiça e piedade estão firmemente unidas, produzem uma absoluta perfeição.

3. Nada é mais difícil do que deixar de lado os pensamentos carnais, submeter e renunciar a nossos falsos apetites, e consagrarmo-nos a Deus e a nossos irmãos, vivendo assim uma vida de anjos num mundo de corrupção.

Para livrar nossas mentes de todo engano, Paulo chama nossa atenção para a esperança de uma bendita imortalidade; nos anima para que saibamos que nossa esperança não é em vão.

Assim como Cristo apareceu uma vez como Redentor, Ele virá outra vez para nos mostrar os benefícios da salvação que temos obtido.

O Senhor Jesus Cristo despoja nossa mente dos encantos que nos cegam, e nos impede de voltarmos a desejá-los, dando-nos um justo zelo pela glória celestial.

Cristo também nos exorta para que vivamos como estrangeiros e peregrinos neste mundo, de modo a não perdermos nossa herança nos céus. Ver Tit. 2.11-14.

IV. A verdadeira humildade significa respeito pelos demais

A autonegação se refere em parte aos homens mas principalmente a Deus.

Quando a escritura ordena a conduzir-nos de tal maneira para com nossos semelhantes, de modo a darmos preferência aos demais antes

que a nós mesmos, nos está dando um mandamento de tal envergadura que não podemos recebê-lo a menos que primeiro sejamos curados de nossa natureza pecaminosa.

Se Deus tem derramado sobre nós um dom excelente, e se, porém, imaginamos que ele mesmo se deve a nosso próprio mérito, acabaremos insuflados de orgulho.

2. Todos estamos cheios de vícios que escondemos dos demais cuidadosamente, e nos enganamos pensando que são coisas pequenas e triviais, tanto quanto às vezes os estimamos como verdadeiras virtudes.

Se os mesmos talentos que admiramos em nós mesmos (ou ainda melhores) os vemos em nosso próximo, com toda malignidade os depreciamos e os temos em pouco-caso, para assim não termos que reconhecer a superioridade de nossos semelhantes.

Se os outros têm algum vício, não nos preocupamos somente em criticá-los aguda e severamente, como também nos permitimos exagerá-los com todo nosso ódio.

Do ódio, passamos à insolência, pois desejamos ser mais excelentes do que o resto da humanidade, imaginando não pertencermos ao comum do povo, considerando aos demais como seres inferiores.

3. O pobre se rende ao rico, o povo comum àqueles que crêem serem superiores, os servos a seus senhores, os ignorantes aos estudiosos; porém, não há ninguém que não se julgue superior aos demais.

Cada um adula-se a si mesmo e erige um verdadeiro reinado em seu "ego" interior.

Todos desejamos agradar-nos a nós mesmos e censurarmos as idéias e conduta de nossos semelhantes, e no caso de surgir alguma discordância, tudo se converte em uma verdadeira explosão de veneno.

Consideramos as outras pessoas amáveis e encantadoras enquanto não nos contradizem, porém, quantos de nós nos mantemos em calma e de bom humor se os demais nos perturbam ou nos irritam?

4. Para poder vivermos felizes, temos de arrancar de nosso coração os maus pensamentos e desejos de falsa ambição e amor-próprio desde as mesmas raízes.

Se prestamos atenção às instruções das Escrituras, observaremos que nossos talentos não nos pertencem, mas que são dons que o senhor nos dá em Sua graça infinita.

Se nos orgulhamos de nossos talentos, estamos sendo ingratos para com Deus. "Pois, quem torna você diferente de qualquer outra pessoa? O que você tem que não tenha recebido? E se o recebeu, por que se orgulha, como se assim não fosse?" (1Cor. 4.7.)

Devemos observar e sermos conscientes de nossas falhas, de modo verdadeiramente humilde. Fazendo assim, não nos encheremos de orgulho, do contrário, teremos grandes razões para nos sentirmos abatidos.

5. Por outro lado, quando vemos algum dom de Deus em outra pessoa, não devemos estimar somente o dom, mas também, o seu possuidor, pois seria uma maldade de nossa parte roubar de nosso irmão a honra que lhe tem sido dada por Deus.

Tem-nos ensinado a passar por alto as falhas dos demais, mas não a fomentá-las por meio da adulação.

Nunca deveríamos injuriar a outros por suas faltas, pois é nosso dever mostrar amor e respeito para com todos.

Se prestamos atenção à honra e a reputação dos demais, quem quer que eles sejam, aprenderemos a nos conduzir, não somente com moderação e excelente humor, mas também com educação e um amplo sentido da amizade.

Nunca chegaremos à verdadeira humildade de nenhum outro modo que não seja humilhando-nos e honrando nosso próximo do mais profundo dos nossos corações. Ver Rom. 12.10; Fil. 2.4; 1Cor.4.7.

V. Devemos buscar o bem dos demais crentes

1. Como é extremamente difícil nos preocuparmos com o bem do nosso vizinho, a menos que deixemos de lado todas as considerações egoístas e esqueçamos de nós mesmos!

Como podemos levar a cabo os deveres que Paulo nos ensina como obras de amor, a menos que renunciemos a nós mesmos e dediquemo-nos aos demais?

"O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira

facilmente, não guarda rancor. O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade." (1Cor.13.4-6.)

2. Ainda que somente se nos ordenasse a não buscarmos nosso próprio benefício, deveríamos, contudo, seguir exercendo uma considerável pressão sobre nossa velha natureza, pois está tão fortemente inclinada a amar o próprio "Eu", que não estaria facilmente disposta a deixar de lado seus interesses egoístas.

Busquemos , outro sim, o benefício dos demais, e ainda de maneira voluntária, renunciemos a nossos direitos pelo bem de nosso próximo.

As Escrituras exigem de nós e nos advertem a considerarmos que qualquer favor que obtenhamos do Senhor, o temos recebido com a condição de que o apliquemos em benefício comum da Igreja.

Temos de compartilhar liberalmente e agradavelmente todos e cada um dos favores do Senhor com os demais, pois isto é a única coisa que os legitima.

Todas as bênçãos de que gozamos são depósitos divinos que temos recebido com a condição de distribuí-los aos demais.

Não podemos imaginar uma incumbência mais apropriada a uma sugestão mais poderosa que esta.

3. De acordo com as Escrituras, nossos talentos pessoais devem ser comparados com os poderes conferidos aos membros do corpo humano.

Nenhum membro do corpo mantém sua força para si mesmo, nem a aplica para seu uso exclusivo, mas somente para o proveito dos demais. De igual modo, nenhum membro da Igreja recebe vantagens de sua própria atividade, mas através de sua cooperação com a totalidade do corpo de crentes.

Qualquer habilidade que um fiel cristão tenha, deve dedicá-la ao serviço de seus companheiros crentes, como também submeter, com toda sinceridade, seus próprios interesses ao bem-estar comum da Igreja.

Apropriemo-nos desta regra com boa vontade e amabilidade, para que quando tivermos a ocasião de ajudarmos aos demais, possamos nos comportar como quem, algum dia, dará conta de seus próprios atos, recordando sempre que a distribuição dos benefícios se determinará em harmonia com a lei do amor.

Em primeiro lugar, não deveríamos intentar promover o bem dos demais, buscando o nosso próprio, mas, antes, preferir o bem dos outros pelo que isso significa em si mesmo.

4. A lei do amor não só concerne aos grandes benefícios, pois, desde a antigüidade, Deus nos tem ordenado que a recordemos e a ponhamos em prática mesmo nos pequenos favores da vida.

Deus ordenou ao povo de Israel que Lhe oferecesse os primeiros frutos de milho, como uma mostra solene de que lhe era ilegítimo gozar de uma bênção que primeiramente não houvesse sido oferecida a Ele.

Se os dons de Deus não são parte de nossa vida santificada e não os dedicamos com nossas próprias mãos a seu autor, seríamos culpados de um abuso pecaminoso se deles descartássemos tal dedicação.

VI. Devemos buscar o bem de todos, amigos e inimigos

1. Conhecendo nossa predisposição natural, o apóstolo nos ensina a que não nos cansemos de fazer o bem, e ademais acrescenta que "o amor é paciente,... não se irrita." (1Cor. 13.4-5.)

Deus nos manda fazer o bem a todos os homens sem exceção, ainda que a maioria não seja merecedora, se a julgarmos de acordo com seus próprios méritos.

Também nesta ocasião, a Escritura nos ajuda com um excelente argumento, ensinando-nos a não pensar no valor real do homem, mas só em sua criação, feita conforme a imagem de Deus. A Ele devemos toda honra e o amor de nosso ser.

Ademais, nós que formamos parte da família da fé, somos os que mais podemos apreciar a imagem de Deus, porque Ele a tem renovado e restaurado em nós por meio do Espírito de Cristo.

2. De modo que se alguém aparece diante de vocês necessitando de seus amáveis serviços, não há razão alguma em recusar-lhes tal ajuda.

Suponhamos que seja um estranho que necessita de nossa ajuda; mesmo por ser estranho, o Senhor tem posto nele Seu próprio selo e lhe

tem feito como alguém de tua própria família; portanto, te proíbe de desprezar tua própria carne e sangue.

Suponhamos que seja vil e indigno; ainda assim, o Senhor lhe destinou como adorno, Sua própria imagem.

Suponhamos que não tenha nenhuma obrigação de servi-lo; ainda assim, o Senhor o tem colocado com se fosse Seu próprio substituto, de modo que nos sintamos obrigados pelos numerosos e incontáveis benefícios recebidos.

Suponhamos que seja alguém indigno do mais mínimo esforço a seu favor, porém a imagem de Deus nele é digna de dispormos a nós mesmos e nossas posses a ele.

Se ele não tem te mostrado amabilidade, mas que, pelo contrário, tem te maltratado com injúrias e insultos, ainda assim não há razão para não rodeá-lo com teu afeto e fazê-lo objeto de toda classe de favores.

Você poderia dizer que ele merece um trato muito diferente, porém, o que é que nos ordena o Senhor, não é que perdoemos as ofensas de todos os homens e que remetamos a causa a Deus?

3. Este é o único caminho para obter aquilo que não só é dificultoso, mas que também é repugnante à natureza humana: amar a quem nos odeia, corresponder às injúrias com amabilidade e devolver bênçãos por insultos.

Recordemos sempre que não temos de pensar continuamente nas maldades do homem, mas, antes, darmos conta de que ele é portador da imagem de Deus.

Se com nosso amor cubrimos e fazemos desaparecer as faltas do próximo, considerando a beleza e a dignidade da imagem de Deus nele, seremos induzidos a ama-lo de coração. Ver Heb. 12.16; Gal. 6.10; Is. 58.7; Mat. 5.44; Luc. 17.3 e 4.

VII. Uma boa conduta cívica não é suficiente

1. Se não cumprirmos com todos os deveres do amor, nunca poderemos praticar uma negação real do Eu.

Estes deveres não os cumpre aquele cristão que realiza seu serviço de uma forma meramente externa, sem omitir um detalhe sequer, mas aquele que atua tomando como base o sincero princípio do amor.

Pode acontecer que o homem desempenhe seus deveres de acordo com suas melhores habilidades, porém, se seu coração não esta naquilo que faz, lhe falta muito para chegar à sua meta.

Estes são conhecidos por serem muito liberais, e ainda assim nunca têm dado nada sem manifestar sua cólera, orgulho, ou ainda sua insolência.

Em nossos dias estamos tão submergidos dentro desta espécie de calamidade, que quase ninguém é capaz de dar uma miserável esmola sem uma atitude de arrogância ou desdém.

A corrupção de nossos tempos é tão grande que não teria sido tolerada pelos próprios pagãos.

2. Ao praticar uma caridade, os cristãos deveriam ter mais do que um rosto sorridente, uma expressão amável, uma linguagem educada.

Em primeiro lugar, deveriam se colocar no lugar daquela pessoa que necessita de ajuda, e simpatizarem-se com ela como se fossem eles mesmos que estivessem sofrendo. Seu dever é mostrar uma verdadeira humanidade e misericórdia, oferecendo sua ajuda com espontaneidade e rapidez como se fosse para si mesmos.

A piedade que surge do coração fará com que se desvaneça a arrogância e o orgulho, e nos prevenirá de termos uma atitude de reprovação ou desdém para com o pobre e o necessitado.

Quando um membro de nosso corpo físico está enfermo, e todo o organismo tem que se pôr em ação para restaurá-lo e voltar à saúde, não temos uma atitude de desprezo em relação a esse membro enfermo, nem cuidamos ou sustentamo-lo por obrigação, mas com nossa melhor vontade.

3. A ajuda mútua que as diferentes partes do corpo oferecem umas às outras, não é considerada pela lei da natureza como um favor, mas, sim, como algo lógico e normal, cuja negativa seria cruel. Portanto, se um homem tem realizado um serviço a outro, não deve considerar-se livre de todas as suas demais obrigações. Por exemplo, se alguém é rico e tem dado parte de sua propriedade, porém em troca se nega a ajudar a

outros em seus problemas, não pode considerar-se escusado de haver cumprido com todas as suas obrigações.

Por mais importante que seja, cada homem deve dar-se conta que é devedor a seu próximo, e que o amor lhe manda dar até o limite de sua capacidade.

VIII. Não há felicidade sem a bênção de Deus

1. Analisemos de forma mais detalhada este aspecto da autonegação e sua relação com Deus. Não se faz necessário repetir os muitos comentários que já foram feitos anteriormente, porém, será suficiente assinalar como este aspecto da autonegação pode nos tornar agradáveis e pacientes.

Em primeiro lugar, as Escrituras chamam nossa atenção para o fato de que, se desejamos sossego e tranqüilidade em nossas vidas, temos que render nós mesmos e tudo que temos à vontade de Deus. Ao mesmo tempo, posto que é nosso Salvador e Senhor de nossas vidas, deveríamos render-lhe todos os nossos afetos. Nossa natureza carnal, em sua forma natural, desenfreada e cobiçosa, anela as riquezas e o poder, a honra e a vaidade, e tudo aquilo que enche nossa existência de uma pompa vazia e inútil.

Por outro lado, tememos e nos aborrecemos com a pobreza, o anonimato e a humildade, e tratamos de evitar estas coisas por todos os meios possíveis.

Não é difícil ver em nossos dias como as pessoas se ufanam, seguindo os desejos e ditados de suas próprias mentes, para conseguir tudo aquilo que sua ambição e condições exigem.

2. Os crentes devem ter sempre em mente o fato de que tudo que compreende e rodeia nossa vida, depende única e exclusivamente da bênção do Senhor.

Às vezes pensamos que podemos alcançar facilmente as riquezas e as honras com nossos próprios esforços, ou por meio do favor dos demais; porém, tenhamos sempre presente que estas coisas não são

nada em si mesmas, e que não poderemos abrir caminho por nossos próprios meios, a menos que o Senhor queira nos prosperar.

3. Por outro lado, esta bênção nos abrirá o caminho para que sejamos prósperos e felizes, não importando as diversidades que possam vir. Ainda que sejamos capazes de obter certa medida de bem-estar e fama sem a bênção divina, como sucede com muitas pessoas mundanas, vemos que estas pessoas estão sob a ira de Deus, portanto, não podem desfrutar da menor partícula de felicidade.

Assim, pois, chegamos à conclusão de que não podemos obter nada sem a bênção divina, e ainda que pudéssemos consegui-lo, acabaria sendo uma calamidade para nossas vidas.

Reflitamos então e não sejamos tolos em esperar aquelas coisas que nos trariam mais infortúnios.

IX. Não devemos estar ansiosos por obter riquezas e honras

1. Se cremos que todo desejo de prosperidade e bem-estar devem-se basear somente na bênção divina, e que sem ela só podemos esperar misérias e calamidades, também temos de entender que não temos que estar ansiosos em tratar de conseguir tudo apoiando-nos na nossa diligência e aptidão, dependendo do favor dos homens ou confiando na "boa sorte". Esperemos sempre no Senhor; Ele nos dirigirá de modo que possamos obter a bênção que tem reservada para nossas vidas.

Se esperamos em Deus, já não temos que ter pressa em conseguir as riquezas e a honra por meios duvidosos, enganando a nosso próximo ou servindo-nos de subterfúgios, mas antes nos abster destas coisas que nos apartam do caminho da vontade de Deus.

Pois quem pode esperar a ajuda divina ou a bênção divina sobre a fraude, o roubo ou outros atos desonestos?

2. A bênção divina vem somente sobre aqueles que são puros em seus pensamentos e justos em seus atos, influindo em todo aquele que procura manter-se afastado da corrupção e da maldade.

Todo crente deve sentir desejos de manter-se afastado da falsa ambição e da busca inadequada de grandezas e honras.

Pois não seria vergonhoso confiar na ajuda divina se, ao mesmo tempo, estamos no meio de assuntos que contradizem Sua Palavra?

Longe está de Deus prosperar com Sua bênção o que antes tem amaldiçoado com sua boca.

3. Finalmente, se não temos o êxito que esperamos, não devemos nos impacientar nem detestar nossa condição, qualquer que esta seja, porque esta atitude denota uma rebelião contra Deus, quem reparte a cada um segundo Sua sabedoria e santa vontade.

Em conclusão, aquele que retém a bênção de Deus, da forma que temos descrito, não ira atrás daquelas coisas que o homem mundano cobiça, e não usará aqueles métodos dos quais já sabe que não vai tirar proveito.

Por outro lado, um verdadeiro cristão não deverá atribuir nenhuma prosperidade à sua própria diligência, trabalho ou boa sorte, mas antes ter sempre presente que Deus é quem próspera e abençoa.

Se tem podido realizar somente pequenos progressos, ou se permanece, entretanto, atrás de outros que seguem adiante, deverá suportar sua pobreza com tranqüilidade e moderação, e não com rebeldia e exasperação, como faz um homem do mundo.

4. O verdadeiro cristão possui uma doce consolação que lhe proporciona mais satisfação que o maior dos bem-estares humanos, pois está convencido de que todos seus assuntos são regulados pelo Senhor, seguindo Seu eterno propósito para com os Seus.

Davi, que seguia a Deus e se rendia às Suas ordenanças, disse o seguinte: "Senhor, o meu coração não se elevou nem os meus olhos se levantaram; não me exercito em grandes assuntos, nem em coisas muito elevadas para mim. De certo fiz calar e sossegar a minha alma, qual criança desmamada, para com sua mãe, tal é a minha alma para comigo." (Sal. 131.1 e 2.)

X. O Senhor é justo em todos os Seus atos

1. Este não é o único caso em que os crentes deveriam ser pacientes e temerosos de Deus, pois é necessário viver desta forma em todas as circunstâncias da vida.

Não há ninguém que tenha se negado a si mesmo corretamente, a menos que esteja rendido totalmente ao Senhor e queira deixar cada detalhe de sua existência em Suas mãos.

Se temos esta predisposição mental, as coisas que nos sucedem jamais farão nos sentir abandonados nem tampouco acusaremos a Deus por nossa sorte.

2. Se considerarmos a enorme quantidade de acidentes aos quais estamos sujeitos, veremos o quão necessário é exercitarmos nossa mente desta maneira.

Enfermidades de todos os tipos tocam nossos débeis corpos, uma atrás da outra: ou a pestilência nos enclausura, ou os desastres da guerra nos atormentam.

Em outra ocasião, as geadas e os granizos destroem nossas colheitas, e ainda somos ameaçados pela escassez e a pobreza.

Em vista destes acontecimentos, as pessoas maldizem suas vidas, e até o dia em que nasceram; culpam ao sol e às estrelas, e ainda censuram e blasfemam a Deus, como se Ele fora cruel e injusto.

3. Porém o crente fiel, ainda que em meio a estas circunstâncias, meditará nas misericórdias e nas bondades paternais de Deus.

Se vê que seus amados lhe são arrebatados e seu lar se encontra solitário, não cessará de bendizer a Deus, e considerará que a graça de Seu Pai celestial não o deixará desolado.

Se vê suas terras de cultivo e seus vinhedos destroçados pela geada ou pelo granizo, e ele e sua família ameaçados pela fome, não se desanimará nem estará insatisfeito, antes, persistirá em sua firme confiança: estamos sob o cuidado protetor de nosso Deus, somos "as ovelhas de seu pasto", pelo que Ele nos suprirá de tudo aquilo que necessitamos.

Se alguém está acometido de enfermidade, não se deprimirá com amargura, nem se impacientará e se queixará contra Deus, mas antes, considerará a justiça e a bondade de seu Pai Eterno e crescerá na paciência, enquanto é castigado e corrigido.

4. Resumindo, se sabemos que qualquer coisa que nos ocorra é ordenada por Deus, a receberemos com um coração pacífico e agradecido, não sendo culpáveis de resistir orgulhosamente aos desígnios do Senhor, a quem uma vez nos temos encomendado juntamente com tudo que possuímos.

Longe estará do coração dos cristãos aceitar o tolo e distorcido consolo dos filósofos pagãos, que tentam se endurecer contra as adversidades, culpando a si mesmos da sorte e do destino.

Os tais consideram que estar desgostoso com a porção que nos toca é uma loucura, porque existe um poder cego e cruel no mundo que afeta a todos, dignos e indignos.

Todavia, o princípio da devoção é que só Deus é o Guia e Governador Supremo, tanto na prosperidade como na adversidade, e que nunca se precipita, mas, antes, que distribui todo bem e todo mal com a máxima justiça e eqüidade. (Ver Sal. 79.13.)

CAPÍTULO III

PACIENTES E LEVANDO A CRUZ

I. Levar a cruz é mais difícil do que negar-se a si mesmo

1. O cristão fiel tem de elevar-se a um nível superior no qual Cristo chama cada um de Seus discípulos a "tomar a cruz".

Todos aqueles a quem o Senhor tem escolhido e recebido na companhia de seus santos, devem preparar-se para uma vida dura, difícil, laboriosa e cheia de incontáveis penas.

É a vontade do nosso pai celestial que Seus filhos passem por todas estas vicissitudes para assim, poder prová-los.

Assim aconteceu com Jesus Cristo Seu primogênito e assim será com todos nós Seus filhos.

Cristo, que foi Seu Filho bem-amado, em quem o Pai tinha contentamento, não viveu sem provas nem tristezas, mas foi grandemente afligido por elas. Toda a sua vida foi uma cruz perpétua.

2. O apóstolo explica a razão pela qual foi necessário que aprendesse a obediência por meio daquelas coisas que padeceu: "E ainda que era Filho, aprendeu a obediência pelo que padeceu...".

Por que haveríamos então de nos livrar dessa situação na qual Cristo, nosso exemplo e modelo, teve que submeter-se por amor a nós?

O apóstolo Paulo nos ensina que o destino de todos os filhos de Deus é de serem conforme a Sua imagem.

Quando experimentamos esta provas e calamidades, temos por consolo sermos participantes dos sofrimentos de Cristo. Ao passarmos

por muitas tribulações, recordemos daquele que se entregou a um abismo de maldades e se elevou à glória do céu.

3. Paulo disse que se conhecermos a "participação de seus sofrimentos", também entenderemos "o poder de sua ressurreição" e a participação de sua morte, portanto, estaremos preparados para compartilhar sua gloriosa ressurreição.

O quanto nos ajudam estes conceitos a superarmos a amargura da cruz!

Quanto mais somos afligidos pelas adversidades, mais será confirmada nossa comunhão com Cristo.

Por meio dessa comunhão, as contrariedades se convertem em bênçãos, e portanto são de grande ajuda para promover nossa felicidade e salvação. Ver Mat. 16.24; 3.17; 17.5; Heb. 5.8; Rom. 8.29; Atos 14.22; Fil. 3.10.

II. A cruz nos torna humildes

1. Nosso Senhor não foi obrigado a levar a cruz exceto para provar a obediência a Seu Pai. Porém há muitas razões pelas quais nós devemos viver sob a contínua influência da cruz.

Primeiro, posto que somos inclinados por natureza a depositar total confiança em nossas próprias capacidades, a menos que aprendamos lições de nossa própria estupidez, formaríamos uma noção exagerada de nossa força, dando por certo que, passemos o que passarmos, seguiremos permanecendo invencíveis.

Com este tipo de atitude, nos encheríamos, como estúpidos, de uma confiança carnal e vã insuflando-nos de orgulho contra Deus, como se nosso poder fosse suficiente e pudéssemos prescindir de Sua graça.

Não há nenhuma maneira melhor de reprimir esta vaidade do que provando o quanto somos estúpidos e o quanto é frágil e vulnerável nossa natureza humana. Neste caso, é necessário passar pela experiência da aflição. Portanto, Ele nos aflige com humilhação, pobreza, perda de entes queridos, enfermidades ou outras provações.

2. Os mais santos, sabendo que somente podem ser fortes na graça do Senhor, têm um conhecimento mais profundo de si mesmos uma vez

que têm passado por muitas provas e dificuldades na vida. O mesmo Davi teve que dizer: "Eu dizia na minha prosperidade: não vacilarei jamais." (Sal. 30.6.)

Davi afirma que a prosperidade havia obnubilado de tal forma seus sentidos, que deixou de pôr seus olhos na graça de Deus, da qual deveria depender continuamente. Em vez disso, creu que poderia andar por suas próprias forças e imaginou que não cairia jamais.

3. Se isto ocorreu a este grande profeta, qual de nós não deveria ser cuidadoso e temeroso?

Se em meio à prosperidade muitos santos foram congratulados com perseverança e paciência, quando a adversidade quebrou suas resistências, viram que se enganaram a si mesmos.

Advertidos de tais debilidades por tantas evidências, os crentes recebem uma grande bênção por meio da humilhação.

Despojados assim de sua estúpida confiança na carne, se refugiam em Deus, e uma vez que o têm feito, experimentam a presença e a comunhão da divina proteção, que lhes é uma fortaleza inexpugnável.

III. A cruz nos torna esperançosos

1. A isto se refere Paulo quando disse em Romanos 5.3,4: "Não só isso, mas também nos gloriamos nas tribulações, porque sabemos que a tribulação produz perseverança; a perseverança, um caráter aprovado; e o caráter aprovado esperança."

Os cristãos experimentam por si mesmos que a promessa de Deus em ajudá-los nas tribulações é certa, e assim persistem na sua paciência apoiados na fortaleza do Senhor, e não em suas próprias forças.

A paciência, portanto, faz os santos suportarem suas provas, sabendo que Deus lhes dará o auxílio que tem prometido em qualquer momento que o necessitem.

Isto também confirma suas esperanças, pois nós cristãos seríamos ingratos se não confiássemos nosso futuro a Deus, a quem conhecemos que é firme e imutável. Agora vemos que fonte inesgotável flui da cruz.

Se descartarmos as falsas opiniões que temos sobre as nossas próprias virtudes e descobrirmos a hipocrisia que nos engana com suas adulações, nosso orgulho natural e pernicioso se desmoronará.

Uma vez abatidos e para que não tropecemos ou nos deprimamos em nosso desespero, o Senhor nos ensina a confiar exclusivamente nEle.

Desta vitória, reuniremos novas esperanças, pois quando o Senhor cumpre Suas promessas, confirma Sua verdade para o futuro.

2. Ainda que estas foram as únicas razões, já são suficientes para mostrar-nos quão necessárias são as aflições da cruz.

Ser arrebatados do amor ao nosso "ego" resulta em um fato sumamente proveitoso, pois assim nos damos conta de nossa própria debilidade, deixando de confiar em nós mesmos para começar a pôr toda nossa confiança em Deus.

Entregando-nos e dependendo somente do Senhor, poderemos perseverar vitoriosamente até o fim, e continuar em sua graça, sabendo que Ele é fiel e verdadeiro em todas as Suas promessas. Assim poderemos experimentar a certeza de Sua Palavra, de maneira que nossa esperança se firme cada vez mais.

IV. A cruz nos ensina a obediência

1. O senhor tem ainda uma outra razão para afligir seus filhos, a de provar sua paciência e ensinar-lhes a obediência.

Certamente, os cristãos não podem mostrar outra obediência a não ser aquela recebida pelas mãos de Deus; Ele se agrada em provar e demonstrar as graças que tem conferido a Seus santos, pois, de outro modo, permaneceriam ocultas e seriam inúteis.

Quando os servos de Deus manifestam abertamente seus dons de fortaleza e firmeza em meio a seus sofrimentos, a Escritura lhes confirma que Deus esta provando-os em sua paciência.

Vejamos o que diz Gênesis 22.1: "E aconteceu depois destas coisas que provou Deus a Abraão..." O patriarca provou que sua devoção era autêntica pois, não recusou sacrificar a seu filho Isaque.

Por este motivo, Pedro declara que nossa fé é provada por meio das tribulações, assim como se prova o ouro por meio do fogo.

2. Quem pode negar a necessidade que este precioso dom da paciência, que o crente tem recebido de Deus, seja aperfeiçoado na prática de maneira que o Senhor possa ver os crentes no exercício do mesmo? Ademais, se não fosse assim, nunca chegaríamos a apreciá-lo como é devido.

Deus mesmo atua a tempo para que estas virtudes não cheguem a ser obscuras e inúteis, oferecendo-nos uma ocasião para pô-las em prática.

Esta é, sem dúvida, uma das melhores razões para provar aos santos, que é por meio da aflição que aprendem a exercitar a paciência.

3. Os cristãos também são instruídos por meio da cruz para a obediência, porque desta maneira aprendem a seguir os desejos de Deus e não os seus próprios.

Se tudo fosse conforme os seus desejos, não entenderiam o que na realidade significa seguir a Deus.

Sêneca disse que havia um antigo costume pelo qual se exortava as pessoas a sobressaírem-se das adversidades recordando estas palavras: "Segue a Deus."

Isto implica que o homem se submete ao jugo de Deus só quando voluntariamente aceita a disciplina com a humildade de uma criancinha.

Portanto, se é razoável que nos mostremos obedientes a nosso Pai celestial em todas as coisas, não podemos negar-lhe o direito de usar o meio que Ele escolhe para acostumar Seus filhos a praticar esta obediência. Ver Gen. 22.1,2 e 1 Ped. 1.7.

V. A cruz contribui para a disciplina

1. Amiúde, não entendemos o quão necessária é esta obediência para nós, a menos que também consideremos o quanto nossa carne anela despojar-se de ter sobre si o jugo do Senhor, para tão logo sermos tratados com ternura e indulgência.

Conosco ocorre o mesmo que com os cavalos rebeldes, que se no início são mimados e tolerantes, se tornam ariscos e indomáveis e não

têm nenhuma consideração para com seus cavalheiros, aos quais deveriam estar submetidos.

Em outras palavras, aqueles erros pelos quais o Senhor se queixava do povo de Israel, se vê continuamente em cada um de nós: Quando nos "enchemos de orgulho", nos voltamos contra Ele, que tem cuidado e rodeia-nos de carinho.

A bondade do Senhor deve levar-nos a considerar e amar a sua misericórdia e benignidade, porém, como somos tão ingratos, se faz necessário que sejamos restringidos por alguma espécie de disciplina que quebre nossa vontade obstinada.

2. Deus não quer que sejamos altivos quando adquirimos riquezas, nem que nos tornemos orgulhosos ao sermos honrados. Tampouco que sejamos insolentes quando formos bem-sucedidos com prosperidade e saúde, pois o mesmo Senhor, quando considera conveniente, faz uso da cruz para frear, restringir e submeter a arrogância de nossa carne.

Nosso Pai procede em nos aplicar a disciplina por vários meios que resultam úteis e saudáveis para cada um de nós.

Nem todos somos afligidos pela mesma enfermidade, nem todos temos, de maneira rigorosa, necessidade da mesma cura. Esta é a razão pela qual vemos diferentes pessoas sendo disciplinadas por diferentes cruzes. O grande Médico celestial toma a responsabilidade de cuidar de todos os Seus pacientes. A alguns, Ele aplica um tratamento mais suave, e a outros, purifica por meio de um tratamento mais rigoroso, porém, não deixa ninguém sem disciplina, pois todo o mundo, sem exceção, está enfermo. (Deut. 32.15.)

VI. A cruz traz arrependimento

1. Ademais, é necessário que nosso misericordioso Pai não só preveja nossa debilidade futura, mas que também corrija nossas ofensas passadas, para nos manter no caminho da obediência.

Quando a aflição nos chega, devemos examinar imediatamente nossa vida pregressa, pois ao fazê-lo, certamente descobriremos que merecemos a disciplina que temos recebido.

Contudo, não deveríamos tirar a conclusão de que a todos se exorta primeiramente a paciência, pelo fato de que necessitamos recordar nossos pecados.

A Escritura nos dá melhores razões quando nos diz que na adversidade "somos corrigidos pelo Senhor, para que não sejamos condenados com o mundo".

2. Conseqüentemente, ainda que na mais amarga de nossas provas, deveríamos desfrutar da misericórdia e bondade de nosso Pai, pois nem ainda nas circunstâncias mais duras, Ele deixa de se preocupar com nosso bem-estar.

Deus não nos aflige para nos destruir ou arruinar, mas, antes, para nos livrar da condenação do mundo.

Este pensamento nos leva a um outro versículo da Escritura: "Não menospreze, filho meu, a repreensão de Deus, nem te canses de Sua correção; porque Deus exorta a quem ama, como o pai ao filho a quem quer."

Quando reconhecemos o corretivo de um pai, não deveríamos nos mostrar dóceis, antes que imitar a atitude desses homens encolerizados que se têm endurecido em suas mesmas maldades?

Se o Senhor não nos atraísse a Ele, por meio da correção quando temos falhado, nos deixaria perecer junto com o mundo. Como disse na Epistola aos Hebreus: "Porém se estais sem disciplina, da qual todos têm sido participantes, sois bastardos e não filhos."

3. Se não estamos de acordo com Deus somos realmente perversos, pois Ele nos mostra continuamente Seu amor e benevolência, e Sua grande preocupação por nossa salvação.

A Escritura estabelece esta diferença entre os crentes e os que não são; estes, como velhos escravos de sua incurável perversidade, não podem suportar a correção, porém aqueles, como autênticos filhos de berço nobre, procedem com arrependimento e aceitam a correção.

Agora se nos toca decidir de que lado queremos estar.

Tendo havido tratado deste tema em outras páginas, basta dizer, de maneira breve, o que lhe concerne. Ver 1Cor. 11.32; Prov. 3.11,12; Heb. 12.8.

VII. A perseguição traz consigo o favor de Deus

1. O favor do Senhor é uma fonte de singular consolação para todo aquele crente que sofre "perseguição por causa da justiça". Em tais ocasiões deveríamos dar conta de que Deus nos honra, fazendo-nos objeto da ministração de Seu consolo e misericórdia.

Quando menciono a "perseguição por causa da justiça", não só me refiro àquelas ocasiões em que sofremos por causa do evangelho, mas também àquelas quando as pessoas se opõem à nossa defesa por qualquer causa justa.

Ao defender a verdade de Deus contra as mentiras de Satanás, ou proteger pessoas boas e inocentes contra as injustiças e as injúrias, é possível que sejamos vítimas do aborrecimento e do ódio do mundo, de maneira que nossas vidas, nossas posses, ou ainda nossa reputação, fiquem em perigo.

Todavia, não deveríamos nos afligir nem nos considerar miseráveis quando estamos no serviço de Deus, pois Ele, de sua própria boca, nos chama de bem-aventurados. É verdade que a pobreza em si mesma é uma miséria, e igualmente se pode dizer do exílio, do desprezo, da vergonha e da prisão; e de todas as calamidades a morte é a última e a pior. Porém quando Deus nos cobre com Seu favor, todas estas coisas obram para nossa felicidade e nosso bem-estar.

Estejamos pois contentes com a aprovação de Cristo, do que com a falsa opinião de nossa carne. Então nos regozijaremos com os apóstolos, que se consideravam "felizes por haverem sido tidos por dignos de padecer afrontas por causa de Cristo".

2. Que dizer de tudo isto?

Se sendo inocentes e tendo uma boa consciência, nos vemos despojados de nossos bens terrenais, por causa da maldade do mundo, devemos nos concentrar no aumento de nossas verdadeiras riquezas com Deus, nos céus. Se temos que sair de nosso país, seremos recebidos em uma íntima relação com Deus.

Se somos atormentados e desprezados, mais enraizados em Cristo estaremos ao recorrermos a Ele.

Se somos cobertos de reprovação e vergonha, receberemos maior glória no reino de Deus.

Deveríamos estar envergonhados em considerar os valores eternos em menor conta do que as coisas corruptíveis e os prazeres passageiros da vida presente. Ver Mat. 2.10; Atos 5.41.

VIII. A perseguição deveria produzir regozijo espiritual

1. Posto que a Escritura nos conforta várias vezes, nas provas e penúrias que experimentamos em defesa de uma causa justa, podemos, portanto, ser acusados de ingratos se não recebermos estas provas, vindas das mãos de Deus, com resignação e regozijo espiritual; principalmente pelo fato de que este tipo de aflição, ou cruz, é própria daqueles que crêem.

De acordo com o que disse Pedro, o Senhor Jesus Cristo será glorificado por meio de nosso sofrimento.

Como para algumas mentes independentes, um tratamento desdenhoso é mais suportável do que cem mortes, Paulo nos adverte que não é somente perseguição o que nos espera, mas também o ostracismo, porque "temos posto nossa esperança no Deus vivo".

Em outra passagem o apóstolo nos faz recordar que, seguindo seu exemplo, prossigamos "em meio à glória e à desonra, calúnias e da boa fama".

2. Por outro lado, não nos pede que estejamos alegres enquanto nos move o sentimento de compaixão e amargura.

Os santos não poderiam experimentar nenhuma paciência em levar a cruz, a menos que não fossem perturbados pela compaixão e afligidos pelo sofrimento.

Por exemplo, se não há angústia na pobreza, ou agonia na enfermidade, ou dor nos insultos, ou horror na morte, que valor teria o fato de olhar estas aflições com indiferença?

Todavia, posto que cada uma delas, por meio de sua própria amargura, naturalmente humilha nosso coração, os cristãos fiéis mostram sua verdadeira fortaleza resistindo e sobrepondo-se à sua aflição, sem se importarem com o quanto devam se esforçar para consegui-lo.

Estes filhos de Deus serão pacientes quando forem provocados com fúria, e por temor a Deus, se absterão de responder a esta situação de maneira arrebatada ou irasciva.

Manifestarão seu regozijo e alegria quando, ao serem feridos e entristecidos pela amargura, descansarem na consolação espiritual de Deus. Ver 1 Ped. 4.14; 1 Tim. 4.10; 2 Cor. 6.8,9.

IX. Nossa cruz não deveria nos tornar indiferentes

1. Paulo tem descrito amplamente esta luta espiritual dos crentes contra suas emoções naturais de desgosto, enquanto tratam de se conduzirem com paciência e moderação: "...somos pressionados, mas não esmagados; ficamos perplexos, mas não desesperados; somos perseguidos, mas não abandonados, abatidos, mas não destruídos." (2 Cor. 4.8,9.)

É evidente que o fato de levar a cruz pacientemente não significa endurecer-se a si mesmo, ou que não sintamos nenhuma compaixão. De acordo com os filósofos estóicos, um homem nobre é alguém que tenha deixado de lado sua humanidade, e que não permite ser afetado por nenhum tipo de adversidade nem prosperidade, nem sequer o regozijo ou a tristeza, mas que atua tão firmemente como um rocha.

Que proveito há nessa orgulhosa sabedoria?

Estes filósofos têm representado uma imagem da paciência que nunca tem sido encontrada entre os homens, e que, por outro lado, não pode existir, e em seu desejo de encontrar essa classe de paciência tão singular, tem-na afastado da vida humana.

2. Atualmente há entre os cristãos modernos alguns estóicos que acham ruim orar, gemer, ou ainda lamentar-se na solidão.

Essas opiniões geralmente vêm de homens que são mais sonhadores que práticos, as quais em conseqüência não podem produzir nada senão fantasias.

3. Nós não compartilhamos com uma filosofia tão rígida e tão dura, à qual nosso Senhor e Mestre Jesus tem condenado em palavras e exemplos.

Nosso Salvador gemeu e chorou por Suas próprias calamidades e pelas dos demais, e não ensinou a Seus discípulos a comportarem-se ante as mesmas de forma diferente.

O Senhor disse: "Em verdade, em verdade vos digo, que chorareis e lamentareis, e o mundo se alegrará; vós vos entristecereis."

E para que nenhum homem chame a tristeza de vício, Ele tem pronunciado uma bênção sobre aqueles que gemem.

4. E não é para espantar-se, pois se Ele tivesse condenado todas as lágrimas, que poderíamos pensar então daquele de cujo corpo brotaram lágrimas de sangue?

Se cada temor fosse rotulado de incredulidade, que nome daríamos à ansiedade, sobre a qual lemos na Escritura, que mergulhou nosso Senhor em profunda tristeza?

Se toda tristeza é desagradável, como poderíamos ser tolerantes com a confissão de que Sua alma estava triste "até a morte"? Ver João 16.20; Mat. 5.5; Luc. 22.44.

X. A cruz é necessária para nossa submissão

1. Estas coisas devem mencionar-se para que as mentes devotas sejam guardadas do desespero e não renunciem a seus desejos de paciência porque não podem deixar de lado suas inclinações naturais de tristeza. O fim daqueles que deixam que sua paciência se deslize até cair na indiferença é o desespero. Estas mesmas pessoas dizem que um homem é forte e valente quando faz de si mesmo um bloco de granizo incapaz de sentir qualquer coisa.

Pelo contrário, a Escritura louva aos santos por sua paciência, quando são severamente afligidos por causa das adversidades, porém, não quebrados e esmagados por elas; quando estão afligidos, seus corações estão cheios de alegria espiritual; quando, sob o peso da ansiedade e exaustão, saltam de alegria ao experimentar a consolação divina.

2. Ao mesmo tempo existe um verdadeiro conflito em seus corações, porque seus sentimentos naturais lhes fazem temer, tratando de evitar o que resulta hostil para sua experiência.

Apesar disso, nosso zelo pela devoção luta, através de nossas dificuldades, de maneira que nos voltemos obedientes à divina vontade.

O Senhor falou sobre este conflito quando se dirigiu a Pedro da seguinte maneira: "Em verdade, em verdade te digo: Quando eras mais jovem, guiavas a ti mesmo e ias para onde querias; mas quando fores velho, estenderás tuas mãos, e seguirás a outro que te levará aonde não queres."

Não é provável que Pedro, quando foi chamado a glorificar a Deus por meio de sua morte, fosse levado ao martírio com desgosto e aversão. Se fosse assim, seu martírio teria sido de muito pouco louvor e glória para o Senhor.

Ao contrário, devemos reconhecer que, por mais que Pedro tivesse se submetido à divina vontade com todo o fervor de seu coração, não havia se despojado de seus sentimentos humanos, motivo pelo qual foi perturbado por um conflito interno.

Seguramente quando pensava na morte sangrenta que lhe esperava, se estremecia por causa do temor, pensando talvez na possibilidade de agradavelmente escapar dela.

Todavia, quando considerava que fora Deus quem lhe havia chamado para morrer desta maneira, seu temor se anulava e se submetia à vontade do Senhor com alegria.

3. Portanto, se desejamos ser discípulos de Cristo, devemos reverenciar a Deus de tal maneira que possamos triunfar sobre todas as inclinações contrárias e submeter-nos com alegria a Seu plano.

Desta forma, permanecer constantes em nossa paciência, por mais grande que seja a agonia mental ou qualquer outra classe de aflição que tenhamos.

A adversidade nunca deixará de nos ferir com seu aguilhão.

Quando somos afligidos por enfermidade, devemos gemer e orar por nossa recuperação.

Quando somos arrasados pela pobreza, nos sentimos sós e aflitos.

Quando somos oprimidos, desprezados e ofendidos, nos sentimos entristecidos e oprimidos.

Quando temos de assistir ao funeral de nossos amigos, derramamos muitas lágrimas.

4. Todavia, não esqueçamos este pensamento consolador: O Senhor planejou nossas provações, de maneira que temos de nos submeter a Ele.

Ainda nos piores momentos de agonia, gemidos e lágrimas, animemo-nos com esta reflexão, de modo que nossos corações possam suportar tranqüilamente as aflições que flagelam nosso ser.

XI. A cruz é necessária para a nossa salvação

1. Agora que temos estabelecido que a principal consideração para levar-nos a cruz é a vontade divina, devemos finalmente assinalar, de maneira breve, a diferença entre a paciência filosófica e a cristã.

Muitos poucos filósofos têm alcançado um entendimento suficientemente elevado que lhes permita compreender que estamos sujeitos às aflições pela vontade divina, ou que é nosso dever nos submetermos a ela.

Ainda aqueles que têm chegado mais próximos, não entendem outra coisa a não ser isto: a resignação é um mal necessário.

Que significa isto, se não que devemos nos submeter a Deus, pelo fato de qualquer esforço em resistir-Lhe ser vão?

Se obedecemos a Deus somente por necessidade, deixaremos de fazê-lo tão pronto consigamos escapar-Lhe.

2. A Escritura nos ordena considerar a divina vontade à luz de um conceito diferente; primeiramente, consistente com a justiça e a eqüidade; e logo destinada ao aperfeiçoamento de nossa salvação.

As exortações cristãs à paciência são as seguintes: Seja o fato de sermos afligidos pela pobreza, exílio, prisão, ostracismo, enfermidades, perda de entes queridos ou calamidades semelhantes, devemos recordar que nenhuma destas coisas se sucedem sem a vontade e a providência de Deus; e ainda, que Ele não faz nada que não seja absolutamente justo.

Por acaso não merecem os inumeráveis pecados que cometemos a cada dia, uma disciplina muito mais severa do que a que nosso Deus nos inflige em sua misericórdia?

Não é razoável o pensamento de que nossa carne tenha de estar submetida, e que tenhamos de nos acostumar a um jugo, de maneira que

nossos impulsos carnais não nos dominem e nos levem a um caráter não temperante?

Não são dignas de suportar a justiça e a verdade de Deus, as causas de nossos pecados?

Não podemos murmurar ou nos rebelar sem cairmos na iniqüidade.

Não dê ouvidos ao gélido refrão dos filósofos que diz que temos que nos submeter por necessidade, antes, prestemos atenção a este chamado eficiente e vivo: Temos de obedecer porque é incorreto resistir.

Aprendamos a usufruir pacientemente, porque a impaciência é uma rebelião contra a justiça de Deus.

3. Posto que só é do nosso agrado aquilo que imaginamos proveitoso e próspero para nós, nosso Pai misericordioso nos conforta ensinando-nos que é necessário levarmos a cruz para promover nossa salvação.

Se vemos claramente que as adversidades são boas para nós, por que, então, não suportá-las com corações tranqüilos e agradecidos?

Se levarmos nossas cruzes pacientemente, não nos renderemos ante elas por necessidade, antes, nos submeteremos sabendo que resultam em nosso benefício.

A conclusão destas considerações é que quanto mais somos oprimidos pela cruz, maior será nossa alegria espiritual, e inevitavelmente a esta alegria se junta a gratidão.

Se o louvor e a ação de graças ao Senhor devem surgir de um coração alegre e rejubilante, e não há nada que deva reprimir tais emoções, então é evidente que Deus neutralizará a amargura da cruz por meio da alegria do espírito.

CAPÍTULO IV

A DESESPERANÇA NO MUNDO VINDOURO

I. Não há coroa sem cruz

1. Qualquer que seja a classe de provações que nos aflige, devemos sempre manter a vista na seguinte meta: temos de nos acostumar ao menosprezo [das vaidades] da vida presente, para que possamos meditar na vida futura.

O senhor sabe que, por natureza, somos inclinados a amarmos este mundo de maneira cega e carnal; portanto, usa excelentes meios para nos atrair até Ele e elevar-nos de nossa negligência, de modo que nosso coração não se apegue demasiado a essa estúpida inclinação.

2. Não há, entre nós, ninguém que não lute apaixonadamente durante todo o curso de sua vida por conseguir a imortalidade celestial; nem ninguém que não trate de alcançá-la.

Realmente estamos envergonhados de não sermos melhores que os animais cuja condição, em absoluto, não seria inferior à nossa se não fosse pela esperança da eternidade depois da morte.

Porém, se examinarmos acerca dos planos e empreendimentos ambiciosos, e as ações de cada indivíduo, descobriremos que suas ambições só alcançam o nível desta terra.

Por isso, podemos nos considerar realmente estúpidos, quando permitindo que nossa mente se cegue com o esplendor das riquezas, do poder e da honra, não possa ver nada mais além destas coisas.

Também o coração angustiado e cheio de avareza, ambição e outros maus desejos, não pode elevar-se acima do nível terreno.

Em resumo, quando a alma se encontra envolta em desejos carnais, busca sua felicidade nas coisas desta terra.

3. Para resistir a esta inclinação do homem natural, o Senhor nos ensina o que é na verdade a vaidade da vida presente, por meio das varias lições mediadas pela aflição.

Para que os cristãos não se sintam cômodos com uma vida de facilidades e conforto, Deus permite que sejam freqüentemente perturbados por meio de guerras, revoluções, roubos e outras calamidades.

Para que não se apeguem com avidez às riquezas passageiras deste mundo, ou que não venham a depender somente daquilo que possuem, Ele lhes reduz à pobreza, ou limita-lhes à mediocridade, algumas vezes por meio do exílio, outras pela esterilidade da terra, às vezes pelo fogo ou qualquer outro meio.

Para que não sejam demasiado complacentes ou se deleitem em excesso com a vida matrimonial, permite que tenham algum outro desgosto, devido aos defeitos de ambos, marido e mulher, humilha-os através dos filhos, ou lhes aflige com o afã de querer deixar descendência e não poder tê-la, ou até por meio da perda de um filho.

Porém, sendo Deus tão bom e misericordioso com os Seus, por meio das enfermidades e dos perigos lhes ensina o quão inestimáveis e passageiras são as bênçãos terrenas, de maneira que não se encham de vanglória.

4. Portanto, entendamos que somente podemos colher favores da cruz quando aprendemos que esta vida, em si mesma, está cheia de dissabores, dificuldades e misérias; que não é uma vida feliz de nenhum ponto de vista, e que as suas chamadas bênçãos são incertas, passageiras e estão mescladas com um sem-fim de adversidades.

Tenhamos, pois, presente que a única coisa que podemos esperar neste mundo é uma luta contínua e atroz; elevemos então nossos olhos ao céu para vermos ali nossa coroa.

Todavia, devemos admitir que nosso coração nunca está disposto a meditar e desejar as bênçãos da vida futura, a menos que tenha aprendido conscienciosamente a deixar de lado as vaidades do mundo presente.

II. Inclinamo-nos a superestimar a vida presente

1. Não há um ponto intermediário entre estes dois extremos: ou subestimamos esta terra, ou então ela terminará possuindo nosso não razoável amor.

Em conseqüência, se temos de algum modo desejos por tudo que pertence à eternidade, coloquemos nossos mais diligentes esforços em nos libertamos destas cadeias temporais.

A vida presente tem numerosas atrações, muito prazer, beleza e encanto para nosso deleite, pelo que se faz necessário que amiúde sejamos apartados dela, de modo a não nos desviarmos em direção à causa de sua fascinação.

Qual seria o resultado de estarmos envoltos, de forma constante, na felicidade que esta vida oferece?

Ainda com todas as maldades que nos rodeiam, nos custa reconhecer que este mundo é um vale de misérias e que é de todo necessário despregar nosso coração das coisas terrenas.

2. A vida humana não é nada senão um vapor ou uma sombra.

Até os mundanos têm refrães e ditos que o confirmam, e consideram este conhecimento tão proveitoso, que têm feito muitos provérbios sobre a vida e sua vaidade.

Apesar disto, não há nada que consideremos menos, e que se desvaneça de nossa memória tão rapidamente, como a brevidade da vida. Fazemos enormes esforços para ir atrás de todas as coisas que ela nos oferece, como se na verdade fôssemos imortais.

Se estamos presenciando um funeral, ou andamos no cemitério entre as tumbas, vendo claramente a imagem da morte ante nossos olhos, então filosofamos sobre a brevidade da vida. Porém isto não se sucede todo dia, pelo fato de voltarmos com toda facilidade a nossos pensamentos carnais e mundanos.

3. Logo ao nos ausentarmos destes lugares, nossa filosofia se desvanece e continuamos a viver o estúpido sonho de que estaremos vivendo para sempre nesta terra.

Se alguém nos recorda o provérbio que diz que o homem é criatura de um dia, nos interessamos em conhecer esta verdade, porém, com

uma falta de atenção tal, que a idéia da vida perpétua neste mundo continua distraindo nossa memória.

4. Quem, então, pode negar que necessitamos ser advertidos não só por palavras, mas também que devemos nos convencer, por meio de toda evidência possível, de que a vida presente não é senão um caminho cheio de misérias?

Até mesmo depois de estarmos persuadidos desta verdade, nos é muito custoso deixar de nos afeiçoarmos tolamente com este mundo, como se a vida fosse somente uma grande acumulação de bênçãos.

Agora, se é necessário que Deus nos dê mais ensinamentos sobre este assunto, nosso dever é prestar atenção à Sua voz levantando-nos de nossa inércia, voltando nossas costas a este mundo e meditando com todo nosso coração sobre a vida celestial.

III. Não deveríamos desprezar as bênçãos desta vida presente

1. Todavia, nossos constantes esforços para diminuir a estima por este mundo presente, não devem nos levar a odiar a vida ou a sermos mal agradecidos para com Deus. Se bem que esta vida está cheia de incontáveis misérias, não obstante, merece ser contada entre aquelas bênçãos divinas que não devem ser desprezadas.

De modo que, se não pudermos descobrir nada da bondade de Deus nela, estaremos sendo ingratos com nosso Pai.

De maneira especial, para os crentes esta vida deve ser um testemunho da bondade de Deus, posto que tudo nela está destinado a contribuir para sua salvação.

2. Antes de nos revelar de modo pleno a herança da glória eterna, o Senhor nos mostra sua paternidade em assuntos de menor importância, derramando a cada dia sobre nós um grande número de bênçãos. Posto que esta vida serve para nos ensinar a bondade e a misericórdia divinas, nos atreveríamos a menosprezá-la como se não houvesse nela nenhuma partícula de bem?

Portanto, tenhamos um sentido de apreciação no sentido de classificá-la entre as gratificações e recompensas do amor divino que não devemos menosprezar.

3. Além das evidências das Escrituras, que são claras e numerosas, a mesma natureza nos impulsiona a dar graças a Deus por ter-nos dado a luz da vida com tudo o que dela se desprende, e os meios necessários para preservá-la.

Mais ainda, se considerarmos que esta vida nos ajuda a nos preparar para a glória do reino celestial, teremos muito mais razões para sermos agradecidos.

O Senhor tem feito com que aqueles que hão de ser coroados nos céus, deverão primeiro combater a boa batalha da fé aqui na terra, para que não celebrem seu triunfo sem haver realmente vencido as dificuldades da guerra e conquistado a vitória.

Outra razão para nossa gratidão é que aqui neste mundo teremos uma mostra da bondade divina, de maneira a nos fazer desejar fervorosamente conhecer a revelação completa da mesma.

4. Quando chegamos à conclusão de que nossa vida aqui na terra é um dom da misericórdia de Deus, que devemos recordar com gratidão por tudo o que Lhe devemos, então será o tempo para considerar suas infelicidades.

Somente desta maneira seremos libertos de um deleite excessivo e deslocado ao qual temos, como foi dito antes, uma acentuada tendência natural.

IV. O que é a terra se a compararmos com o céu?

1. Toda a glória que devamos diminuir do pecaminoso amor à vida, podemos uni-la ao desejo de um mundo melhor.

Certamente para os pagãos, a maior bênção não é nascer, mas antes o que lhe segue, isto é, morrer imediatamente.

Sem o conhecimento de Deus e a verdadeira religião, o que mais poderiam ver na vida senão infelicidade e miséria?

Tampouco, não há nada de insensato no comportamento dos Escitas, que lastimavam e choravam quando nasciam seus familiares e faziam solenes celebrações em seus funerais.

Todavia, seus costumes não lhes era de nenhum proveito pois, sem o conhecimento da verdadeira fé em Cristo, não entendiam como algo que em si mesmo não é nem apetecível nem desejável pode chegar a ser um meio para o benefício dos crentes devotos.

Chegamos pois à dedução de que o fim dos pagãos é acabar em desespero.

2. Ao fazerem uma análise desta vida mortal, os crentes deveriam chegar à conclusão de que ela não é nada senão pura miséria.

Exclusivamente ao compararmos o céu e a terra, podemos não só esquecer[3] tudo o que esta relacionado com a vida presente, senão, em verdade, rejeitá-la e menosprezá-la.

Posto que o céu é nossa mãe partia, que é a terra senão um lugar de exílio, e esta vida, uma viagem através de um lugar estranho?[4]

Se deixar este mundo significa ter aberta a entrada para a vida real, que é este mundo senão uma tumba?

Se a libertação do corpo significa uma completa liberdade, o que é este corpo senão uma prisão?

Se desfrutar a presença de Deus é o ápice da felicidade, não é uma infelicidade ter que prescindir dela? Até que tenhamos salgado este mundo, "estamos ausentes do Senhor".

Portanto se a vida terrena deve ser comparada com a celestial, sem dúvida temos de menosprezá-la e considerá-la um fracasso.

3. Porém à vida presente não se deve odiar, com exceção de tudo o que nela nos sujeita ao pecado, este ódio não deve aplicar-se à vida mesma.

Por um lado, devemos ter uma atitude de desdém sobre ela, desejando seu fim, se bem que ao mesmo tempo temos de estar preparados para permanecer nela o tempo que o Senhor determinar.

---

3. A versão em francês contém: "passar de lado"; o original latim diz: "descuidar".
4. A versão em latim tem o primeiro; em francês encontramos a segunda cláusula principal.

Em outras palavras, esse desalento deveria impedir de sermos presa do temor e da impaciência.

Por isto, a vida é um lugar no qual o Senhor nos tem colocado, e ali devemos estar até que Ele nos chame à sua presença.

Certamente Paulo lamentava estar na prisão de um corpo de carne por mais tempo do que ele desejava, e seu desejo ardente era ser liberto do mesmo.

Ao mesmo tempo, o apóstolo descansava na vontade de Deus, e em uma passagem da Escritura declara que estava preparado tanto para ficar na terra como para partir.

Paulo reconhece que seu dever é glorificar o nome de Deus, seja pela vida ou pela morte, ou seja, de acordo com o que o Senhor determinar o que venha a ser melhor para Sua glória.

4. Portanto, como disse a Escritura: "Pois se vivemos, para o senhor vivemos; e se morremos, para o senhor morremos." Deixemos então os limites da nossa vida e nossa morte à Sua decisão e vontade.

Ao mesmo tempo meditemos ardente e continuamente sobre a morte, enquanto depreciamos [as vaidades] da vida presente em comparação com a futura imortalidade.

Finalmente, consintamos que nossa percepção da escravidão do pecado nos permita desejar o abandono desta vida, da maneira que o Senhor assim o desejar. Ver 2Cor. 5.6; Rom. 7.24, 14.7 e 8; Fil. 1.20.

V. Não deveríamos temer a morte, antes, erguer nossas cabeças

1. É terrível ver muitos que se orgulham de ser cristãos, em vez de desejarem a morte, estão tão cheios de medo que até tremem só com a sua menção, como se fosse a maior calamidade que pudesse cair sobre eles.

Não deveríamos nos surpreender se nossos sentimentos naturais se colocam em atitude de alarme ao ouvirem sobre nossa separação desta vida.

Todavia, é intolerável que não haja suficiente luz e devoção no coração do cristão para suprimir todo este temor com uma consolação que o supere por ampla margem.

Se considerarmos que este corpo instável, depravado, corruptível, descartável, frágil e corrupto será desfeito, para que possa ser logo restaurado e transformado em um perfeito, eterno, incorruptível e cheio de glória celestial, não deveria então nossa fé induzir-nos a desejar ardentemente aquilo que nossa mente natural tanto teme?

Se recordarmos que por meio da morte somos chamados de volta do exílio ao nosso verdadeiro lugar, não se encherá o nosso coração de consolação?

2. Porém, como se tem dito, não há nada neste mundo que não queira ser permanente.

Por esta mesma razão, temos de olhar adiante para a imortalidade futura, onde poderemos ter uma estabilidade de vida tal como não é possível encontrar nesta terra.

Paulo ensina claramente aos crentes a terem um santo desejo com respeito à morte, não para serem simplesmente despojados deste corpo, antes, para serem vestidos com as novas vestimentas da imortalidade.

É possível que os animais, e o resto da criação, ao aperceberem-se de sua vaidade presente, estejam aguardando a ressurreição daquele dia para serem libertos da vaidade, junto com os filhos de Deus; e nós, dotados da razão e com a luz superior do Espírito Santo, e conscientes de nossa existência futura, não sejamos capazes de elevar nossas mentes por cima da corrupção deste mundo?

3. Todavia, não creio que seja necessário ou aconselhável, para meu propósito presente, discutir contra algo tão ridículo como é o medo da morte.

No começo, eis que já havia declarado não entrar numa discussão complicada sobre os tópicos comuns.

Eu persuadiria a estes corações temerosos a que lessem o tratado de Cipriano sobre a *mortalidade,* a menos que mereçam falar com os filósofos, para que se envergonhem quando descobrirem o quanto os pagãos depreciam a morte.

Declaramos positivamente que ninguém tem feito nenhum progresso na escola de Cristo, a menos que espere rejubilante o dia de sua morte e da ressurreição final.

4. Paulo põe este sinal em todos os crentes, e quando a Escritura deseja nos dar um motivo pelo qual sintamos uma autêntica alegria, nos chama, amiúde, nossa atenção sobre ela. "Erguei e levantai vossas cabeças, nos diz o Senhor, "porque vossa redenção está próxima."

É razoável esperar que as coisas que o Senhor planejou, para nos dar felicidade e nos elevar a um êxtase espiritual, sejam motivos de infelicidade e consternação?

Se este é o nosso caso, por que então seguimos gloriando-nos nEle como nosso Mestre?

Voltemos pois a um são juízo, suportando a oposição dos cegos e néscios desejos de nossa carne. Não duvidemos em aguardar ardentemente Sua segunda vinda, como o acontecimento mais desejável e inspirador de todos.

Não somente temos de desejar a vinda de nosso Senhor, porém, gemer e esperar (o dia do juízo).[5]

Ele virá outra vez como um Salvador, para nos livrar de uma vez deste torvelinho de maldades e misérias, e nos guiará à herança bendita de Sua vida e glória. Ver 2Cor. 5.4; Tit. 2.13; Luc. 21.28.

VI. O senhor virá em Sua glória: Maranata

1. Sem nenhuma dúvida, afirmamos que os crentes que vivem sobre esta terra, devem compreender-se "como ovelhas de matadouro", para serem assim mais semelhantes a Cristo, o Cabeça da Igreja.

Se não fosse pela bênção de poder elevar seus pensamentos até o céu e olhar mais além do horizonte deste mundo, a condição dos cristãos seria extremamente deplorável.

Deixemos que os ímpios sigam florescendo em suas riquezas e honras e desfrutem do que eles chamam paz mental.

Permitamos que se orgulhem de seu esplendor e luxo e desfrutem de toda sua alegria mundana.

5. Esta inserido na versão francesa.

Deixemos que prejudiquem os filhos da luz com sua maldade, que lhes insultem com seu orgulho, que lhes roubem com sua avareza e lhes provoquem com suas vidas sem lei.

Quando nós crentes virmos estas coisas, levantemos nossos olhos por cima deste mundo, e então poderemos manter uma autêntica paz de coração em meio a todas as calamidades.

Olhemos para o futuro; para aquele dia quando o Senhor receberá Seus fiéis servos em Seu reino de paz.

Então Ele enxugará todas as lágrimas de seus olhos, lhes vestirá com vestimentas de alegria, lhes adornará com coroas de vitória, lhes agradará com infinitos deleites, lhes exaltará à Sua glória e lhes fará participantes de Sua própria felicidade.

3. Em troca, os fazedores de maldade, que têm sido grandes neste mundo, serão lançados ao abismo da vergonha.

Ele transformará seus deleites em tormentos, e suas risadas e hilaridades em prantos e ranger de dentes.

Ele fará com que submerjam junto com seus adultérios, no fogo que nunca se apaga, e os porá em sujeição aos fiéis, de cuja paciência têm abusado.

De acordo com o que disse Paulo, quando o Senhor Jesus descer dos céus, Deus castigará àqueles que perturbaram aos santos, e dará descanso a todos os que estão atribulados.

4. Esta é nossa única consolação.

Se fôssemos privados deste consolo, cairíamos e nos submergiríamos no desespero, ou nos confortaríamos com os vãos prazeres deste mundo.

Até o salmista confessa estar confundido ao se perguntar sobre o motivo da prosperidade presente dos malvados; e não pôde entender cabalmente todas as coisas até que, entrando no santuário, compreendeu o fim dos justos e dos injustos.

Umas breves palavras para concluir: A cruz de Cristo triunfa sobre o diabo, a carne, o pecado e a maldade nos corações dos crentes, somente quando estes elevam seus olhos para contemplar o poder de sua ressurreição. Ver Rom. 8.36; 1Cor. 15.19; Is. 25.8; Ap. 7.17; 2Tes. 1.6 e 7; Sal. 73.2 e ss.

CAPÍTULO V

O USO CORRETO DA VIDA PRESENTE

I. Evitemos os extremismos

1. A palavra de Deus aponta o céu como nossa meta, de forma que nos instrui no uso correto das bênçãos terrenas.

Este tópico não deveria ser esquecido em um estudo sobre as regras da vida.

Se temos de viver, temos de usar também os instrumentos necessários para preservar a vida.

Não podemos nem mesmo evitar aquelas coisas que servem melhor a nossos prazeres que a nossas necessidades, de maneira que devemos usá-las com uma consciência pura e observando a moderação, é suficiente que nos refiramos a uma e a outra.

2. Isto é o que prescreve o Senhor em Sua Palavra, quando ensina a seus servos que a vida presente é como uma peregrinação, na qual estão viajando, de passagem, ao reino celestial.

Ainda que esta terra é só o vestíbulo do céu, devemos, sem nenhuma dúvida, fazer uso de suas bênçãos, de maneira que em lugar de demorarmos durante esta viagem, nos encontremos auxiliados por ela a alcançarmos nossa meta.

Não é pois sem razão que o apóstolo Paulo nos aconselha a fazer uso deste mundo como se não o usássemos, e comprar posses com o mesmo estado de ânimo de quando as vendemos.

3. Pelo fato de se insinuar esta questão, corremos o perigo de cair em dois erros opostos; tentemos proceder em um terreno firme, de modo que evitemos os dois extremos.

Algumas pessoas boas e santas têm visto como a intemperança e a vida luxuriosa conduzem o homem a derribar uma e outra vez qualquer barreira de restrição, a menos que este seja freado com extrema severidade.

Em seu desejo de corrigir este mal tão pernicioso, estas ditas pessoas adotaram o único método, que segundo eles se encaixa nestas circunstâncias: permitir as bênçãos terrenas, somente quando forem uma necessidade absoluta.

Este conselho mostrava as melhores intenções, porém, era demasiado rígido, já que seus defensores cometeram o perigoso erro de impor sobre a consciência dos demais regras mais estritas que aquelas expressas na Palavra do Senhor.

Restringindo ao povo dentro das demandas da absoluta necessidade, se abstiveram de tudo o que lhes foi possível.

De acordo com o que eles afirmam, não é permitido comer nem beber nada, a não ser pão e água.

Outros seguem uma rigidez ainda mais absoluta, como Crates de Tebas, de quem se diz que jogou seus tesouros ao mar pelo temor de que, se não fossem destruidos, fosse ele arruinado por eles.

4. Por outro lado, hoje em dia há muita gente que busca um pretexto para desculpar sua intemperança no uso das coisas externas, e que todavia é totalmente indulgente com respeito às concupiscências da carne.

Esta gente tem por fato que a liberdade não deve ser restringida por nenhuma classe de limitações, entretanto, nós não podemos estar de acordo com este pensamento.

Sua proclamação diz que tudo deve ser deixado à consciência de cada indivíduo, para usarem segundo o que cada um pensa ser melhor para si.

5. Devemos nos dar por certo que na realidade este pensamento não é correto como também é tão pouco justo vincular a consciência dos demais àquelas regras tão duras.

Sigamos em nossa conduta os princípios gerais que a Escritura estabelece para o uso legítimo de certas coisas. (1Cor. 7.30 e 31.)

II. As coisas terrenas são presentes de Deus

1. O primeiro princípio a considerar é que se os dons de Deus são dirigidos ao mesmo propósito para o qual foram criados e destinados, não podem ser utilizados equivocadamente.

Ele não tem dado as bênçãos terrenas para nosso prejuízo e sim para nosso benefício.

Ninguém, por conseguinte, pode observar regra mais correta e indicada que a fiel observância deste propósito.

2. Se estudarmos, por exemplo, o motivo pelo qual Deus criou certas classes de alimentos, encontraremos que Sua intenção era não só prover nossas necessidades, como também nosso prazer e deleite.

Ao nos dar materiais necessários para vestimenta, não só teve em mente nossas necessidades, como também o decoro e a decência.

Nas diversas ervas, árvores e frutos, que são úteis de várias maneiras, o Senhor quis agradar-nos fazendo-as com linhas harmoniosas e aromas agradáveis.

Se isto não fosse verdade, o salmista não teria enumerado entre as bênçãos divinas "... o vinho que alegra o coração do homem, o azeite que faz brilhar o rosto, e o pão que sustenta a vida do homem".

As Escrituras declaram que Ele nos tem dado todas estas coisas, com o propósito de que possamos louvar Sua bondade para conosco.

3. Até as propriedades naturais da criação apontam para que propósito e até que grau é lícito usá-las.

Haveria criado o Senhor algo tão atrativo a nossos sentidos como a beleza das flores, e posto no nosso ser o sentido do olfato, para que não pudéssemos desfrutá-los?

Não tem feito o Senhor as cores de maneira que uma é ainda mais maravilhosa que a outra?

Não tem conferido ao ouro e à prata, ao marfim e ao mármore uma beleza que lhes fazem ser mais preciosos que os outros metais e pedras?

Em uma palavra, não tem feito Ele os elementos de sua criação dignos de nossa atenção, para que tenhamos ainda muito mais do que aquilo que supre as nossas necessidades? (Sal. 104.15.)

III. A verdadeira gratidão nos limitará em cometermos abusos

1. A menos que seja absolutamente necessário, descartemos, portanto, a filosofia não-humana que não nos permite fazer uso da criação.

Uma noção tão maligna nos priva do legítimo desfrute da bondade de Deus. Realmente é impossível aceitar um pensamento assim, pois nos veríamos privados de todos os nossos sentidos e seríamos reduzidos a uma mole de granito insensível.

Por outro lado, devemos com igual zelo lutar contra os desejos da carne, pois se não os restringirmos com firmeza, acabarão transgredindo todos os limites.

Como já temos observado, a licença tem seus defensores: há pessoas que, sob o pretexto da liberdade, não se privam de nada.

2. Primeiramente, se desejamos refrear nossas paixões, devemos recordar que todas as coisas nos têm sido dadas com o propósito de que possamos conhecer e reconhecer o seu autor.

Nosso dever é louvar Sua bondade para conosco em tudo aquilo que Ele tem criado, e sermos agradecidos.

Porém, que será de nossas ações de graça se somos indulgentes no uso de algumas coisas, de forma tal que nos convertemos em pessoas ociosas para levar a cabo nossos deveres de devoção, ou aqueles que correspondem a nosso trabalho?

Onde está o nosso reconhecimento em relação a Deus se os excessos de nosso corpo nos levam às mais vis paixões e contaminam nossas mentes com a impureza, de modo que já não podemos distinguir o certo do errado?

Onde está nossa gratidão a Deus pelo vestir, se admiramos a nós mesmos e depreciamos os outros, por possuirmos roupas mais suntuosas do que eles?

Onde está nosso decoro, se usamos nossas roupas elegantes e formosas para nos deleitar na lascívia?

3. Muitas pessoas que se empenham em ir atrás dos prazeres desta vida, fazem com que suas mentes se tornem escravas deles.

Algumas se deleitam tanto com o mármore, o ouro e as pinturas que se tornam como estátuas. Parecem ficar extasiados entre os ricos metais, e extáticas, se parecem com ídolos coloridos.

Os sabores dos alimentos e a doçura dos aromas fazem com que algumas se tornem tão estúpidas que perdem o gosto pelas coisas espirituais. Isto vale também para o abuso de todas as outras coisas naturais.

Portanto, está claro que o princípio da gratidão deveria frear nossos desejos de abusar das bênçãos divinas.

Este princípio confirma a regra de Paulo, que disse: "...e não façais caso da carne para satisfazer suas concupiscências".

Se damos rédea solta a nossos desejos naturais, estes ultrapassarão todos os limites da temperança e da moderação.

IV. Vivamos com moderação

Não há um caminho mais direto (à gratidão), do que o de tirarmos nossos olhos da vida presente e meditar na imortalidade do céu.

Disto se deriva dois grandes princípios: O primeiro é "...que os que são casados, sejam como se não o fossem; e os que choram, como se não chorassem; e os que se alegram, como se não se alegrassem; e os que compram, como se não possuíssem; e os que desfrutam deste mundo, como se não o desfrutassem..."

O segundo é que devemos aprender a superar a pobreza quieta e pacientemente, e desfrutar da abundância com moderação.

2. Aquele que nos ordena a que usemos este mundo como se não o usássemos, não somente nos proíbe toda falta de moderação em comer e beber, nos prazeres indecorosos e excessivos, na ambição, no orgulho e na fastuosidade em nosso lar, como também em cada cuidado e afeto que faça diminuir nosso nível espiritual ou que ameace destruir nossa devoção.

Nos tempos antigos, Catão observou que havia uma grande preocupação pela aparência exterior do corpo, porém um grande descuido na observância das virtudes.

Também há um antigo provérbio que nos recorda que aqueles que põem muita atenção no corpo, geralmente descuidam da alma.

3. De modo que, ainda que a liberdade dos crentes em relação ao uso das coisas externas não pode ser restringida por regras rígidas e extremistas, todavia, e para que sejamos o menos indulgentes possível, esta liberdade tem de estar sujeita à lei de Deus.

Pelo contrário, devemos de forma contínua e com toda resolução, empenhar esforços para sairmos do meio de tudo aquilo que é supérfluo, e evitar todo desdobramento de uma atitude vã e de luxo.

Cuidemos em converter em pedra de tropeço, tudo que o Senhor nos de para enriquecer nossa vida. (1Cor. 7.29-31.)

V. Sejamos pacientes e nos contentemos sob as privações

1. O outro princípio é que o pobre deveria aprender a ser paciente sob as privações, para não se encontrar atormentado com uma excessiva paixão pelas riquezas.

Aqueles que observam esta moderação, não têm feito pouco progresso na escola do Senhor, e os que não têm avançado desta forma na vida espiritual, têm dado provas muito escassas de seu discipulado em Cristo.

2. A paixão pelas coisas terrenas não só está acompanhada de outros vícios, como também que aquele que é impaciente sob a privação manifestará o vício oposto quando estiver no meio do luxo.

Isto significa que aquele homem que se envergonha de um vestimenta simples, estará orgulhoso quando usar um bem cara.

A pessoa que não está contente com uma comida moderada, se sente incomodada porque deseja um manjar suculento, e quando tiver uma oportunidade, manifestará seu temperamento irascível.

Aquele que estiver inquieto ou insatisfeito por estar vivendo sob privações e humildade, não será capaz de guardar-se do orgulho e da arrogância quando desfrutar da opulência.

Portanto, aqueles que querem ser sinceros em sua devoção, tratem fervorosamente de seguir o exemplo apostólico: "Sei o que é passar necessidade e sei o que é ter fartura. Aprendi a adaptar-me a toda e qualquer circunstância." (Fil. 4.12.)

3. A escritura também menciona um terceiro princípio mediante o qual, se limita o uso das coisas terrenas, e já o temos mencionado ao falarmos dos preceitos da autonegação.

Posto que todas as coisas nos são dadas pela divina bondade para nosso benefício, ao mesmo tempo se convertem em depósitos confiados a nosso cuidado, dos quais um dia teremos que prestar contas.

Devemos então administrá-las de tal maneira como se incessantemente ouvíssemos a seguinte advertência: "Apresenta as contas de tua administração..."

4. Recordemos também quem é que pede estas contas. É Aquele que nos recomenda de maneira tão especial guardar a sobriedade, a frugalidade e a modéstia.

É também a quem aborrece os excessos, o orgulho, a arrogância e o exibicionismo.

É Aquele que não aprova a administração que fazemos de Suas bênçãos, a menos que sejamos motivados pelo amor.

É quem, de sua própria boca, condena todos os prazeres que nos separam da castidade e da pureza, e que nos convertem em pessoas estúpidas e néscias. (Fil. 4.12; Luc. 16.2.)

VI. Sejam fiéis a vosso chamamento divino

1. Finalmente, saibamos que o Senhor nos ordena a sermos fiéis a nosso chamamento em todas as ações de nossa vida.

Ele sabe que a mente humana arde com inquietude, e que sua ambição em abraçar os bens deste mundo é insaciável.

Portanto, e para prevenir esta confusão proveniente de nossa própria loucura, tem mostrado a cada um seus deveres particulares nas

diferentes esferas da vida. E para que ninguém possa ir além dos limites estabelecidos, tem chamado a tais esferas da vida vocações ou chamamentos.

O Senhor tem destinado um lugar a cada um de nós, de maneira que não tenhamos incertezas durante os dias de nossa vida.

Esta distinção é tão necessária, que a Seus olhos todas as nossas ações são medidas por ela, e amiúde, esta medida difere muito do juízo e da filosofia humana.

2. Até entre os filósofos não há heroísmo maior do que libertar o próprio país da tirania. Todavia, a voz do Juiz celestial condena abertamente ao homem que se mate a um tirano.

Não está em nosso plano enumerar exemplos, porém, contentemonos em saber que nosso chamamento é o princípio e a base de um comportamento justo para cada caso.

Aquele que subestima seu chamamento, nunca manterá a direção correta nos deveres de seu trabalho.

Talvez, algumas vezes possa ter êxito em fazer alguma coisa que aparente ser digna de louvor. Porém, ainda que possa parecer bom aos olhos dos homens, não será aceitável aos olhos de Deus, nem somará às demais partes de sua vida.

3. Portanto, regulemos melhor nossa vida mantendo presente nosso chamamento por parte do Senhor.

Ninguém deve ser tentado por sua própria jactância a levar a cabo nada que não seja compatível com o seu chamamento, porque tem que saber que é incorreto ultrapassar os limites impostos por Deus.

Alguém que não estiver situado nas primeiras filas do dever, não poderá estar satisfeito com o cumprimento de sua tarefa particular, e não deve renunciar o lugar no qual o Senhor lhe tem posto.

Quando um homem sabe que Deus é seu Guia em todos os planos de sua vida, até em meio a seus trabalhos, dificuldades e outras cargas, sente um consolo incomparável.

O magistrado levará todas as tarefas de sua oficina com maior entusiasmo.

O pai de família cumprirá com seus deveres com mais valor e afinco.

Cada pessoa, em sua respectiva esfera de vida, manifestará mais paciência, e se sobressairá melhor das dificuldades, cuidados, misérias e ansiedades de seu caminho, quando estiver convencida de que o Senhor tem posto sobre seus ombros a tarefa que lhe toca.

Se seguirmos fielmente nosso chamamento divino, receberemos o consolo de saber que não há trabalho insignificante ou nojento que não seja verdadeiramente respeitado e importante ante os olhos de Deus. (*Coram Deo!*) Ver Gen. 1.28; Col. 1.1 e ss.